



EDITORIAL

Esta primeira edição de 2009 traz valiosos conteúdos que falam a respeito do desenvolvimento e das necessidades da criança e os riscos atuais; ainda fala da necessidade de relacionamento que uma criança tem, a busca de desenvolver a observação sensorial exata que leva ao pensar claro e à vida sensorial coerente.

Num segundo momento traz um artigo sobre o desenvolvimento histórico do uso do álcool: sua missão relacionada à emancipação do Homem, o abuso atual, conseqüências sociais e prevenção; traz ainda uma compilação de tudo que o fundador da pedagogia Waldorf fala sobre o álcool.

O nosso agradecimento muito especial à Associação Pedagógica Rudolf Steiner que está possibilitando à Federação dar continuidade a esta iniciativa tão valorosa com a edição de quatro números do Periódico para o corrente ano.

A coordenação do Periódico



OBSERVAÇÃO-DESENVOLVIMENTO-MATURIDADE DAS CRIANÇAS DE 6/7 ANOS DE IDADE

Maria Chantal Amarante

Justificativa – A Lei 11.114 de 16 de maio de 2005 estabeleceu como obrigação dos pais ou responsáveis a matrícula das crianças a partir dos seis anos de idade no ensino fundamental.

O direito constitucional ao ensino fundamental não é dever somente do Estado, mas também dos responsáveis. Tais direitos garantidos pela Lei maior passam então por uma modificação quando a Lei Federal 11.114/05 (art. 6.º), bem como a Lei 11.274/06 (art. 32), indicam a obrigatoriedade da matrícula para as crianças de seis anos no ensino fundamental de 09 anos.

A ampliação do ensino fundamental para nove anos, que na prática significa transformar o último ano da educação infantil no ano inicial da primeira fase do ensino fundamental, tirada criança um ano fundamental no processo da sua maturidade e da sua preparação para o aprendizado escolar.

Será um problema se perdermos a identidade pedagógica dessa etapa educacional. É o último ano da educação infantil (conforme a legislação anterior) ou é o ano inicial do ensino fundamental (como a nova legislação), tanto em relação ao trabalho em sala de aula, quanto à preparação dos professores e das instalações físicas. De qual “primeiro ano” estaríamos falando? Qual o conteúdo pedagógico desse “primeiro ano”, criado e sancionado de forma tão precipitada?

Objetivo – Se a criança está madura para o aprendizado escolar, não deveria ser a única questão do professor. Ao iniciar um 1º ano escolar, o professor precisa também se perguntar – se ele está maduro e preparado para as crianças. Esse texto é uma pequena parte de um estudo que tem o objetivo de identificar os fatores de risco e de proteção da prontidão escolar em crianças de seis e sete anos de idade. Para entender o desenvolvimento infantil é necessário saber que fatores interferem nesse processo.

Introdução – Na infância, do nascimento aos 6/7 anos de vida, a criança está desenvolvendo sua vida anímica, o corpo físico, os movimentos corporais, a coordenação motora, principiando sua vida de relações; o pensar; a força imaginativa e criativa, tudo isso através do brincar. O brincar é a forma da criança se expressar, imitando tudo ao seu redor e trazendo a sua linguagem imaginativa da fantasia.

Num ambiente da educação infantil é necessário que as crianças convivam com as diferentes idades de 4 a 6 anos de idade, isso possibilita uma

verdadeira integração social. As crianças mais jovens trazem a sua fluidez nas situações de jogos e brincadeiras, os mais velhos trazem a sua direção interior, já elaborando mais detalhadamente as brincadeiras, e se completam muito bem. Ao oferecer atividades para as diferentes idades num jardim de infância, podemos observar que os mais velhos ajudam os menores quando estes têm dificuldade, os menores admiram os mais velhos, etc.

O ritmo saudável de atividades criativas, artísticas e lúdicas, a postura correta dos educadores, num ambiente que tenha a natureza, com um espaço calmo para as crianças de diferentes idades conviverem, uma boa alimentação e a convivência harmoniosa com as famílias, esses são pilares para a aprendizagem no jardim de infância.

O sistema neurológico e motor da criança nessa fase se desenvolvem através da movimentação corporal, dos relacionamentos sociais, do impulso da criança de apreender o mundo e de aprender com o mundo. Por isso a importância do cuidado com os diferentes estímulos externos que afetam e formam todos os órgãos internos da criança. As crianças deveriam ficar na educação infantil até completarem os 6 anos de idade, para que possam ter um desenvolvimento saudável; e atendidas em todas as suas necessidades.

A criança, entre o sexto e sétimo ano de vida, encerra uma etapa importantíssima de todas as conquistas, que serão o alicerce do aprendizado futuro. O respeito por cada etapa do desenvolvimento da criança, sem acelerar, resulta na organização essencial do seu corpo físico, para que este possa apoiar a organização de uma vida independente que está se desenvolvendo. Essas forças, que estavam em grande atividade na criança durante sua maturidade corporal e social do nascimento aos 7 anos de idade, são então liberadas para o aprendizado. Completando 7 anos de idade no primeiro ano escolar, a criança terá mais probabilidade de estar madura para iniciar uma nova etapa.

Pesquisas e estudos mostram as grandes vantagens das crianças que entram no primeiro ano escolar (para a alfabetização) com 6 anos completos, fazendo então 7 anos. Esses alunos estão mais maduros e apresentam um passo na frente para o aprendizado. Isso é detectado quando terminam o período escolar até o 5º ano. Eles apresentam uma melhor compreensão de textos e do raciocínio matemático.

Ficou evidenciado em estudos, que crianças alfabetizadas mais tarde alcançaram melhores resultados, do que os testes com crianças alfabetizadas mais cedo. Os mais velhos simplesmente estão mais prontos e conseguem se concentrar melhor. Apresentam uma melhor organização e capacidade de lidar com experiências negativas e de desafios.

Fatores que Influenciam o Desenvolvimento da criança – As influências do meio, tanto as do ambiente interno (aspectos biológicos e psicológicos) como as externas (ambiente social), começam a atuar mesmo antes do nascimento e continuam durante toda a vida do ser humano.

Crescimento – trata-se do aspecto quantitativo das proporções do organismo, das mudanças nas dimensões corpóreas, como peso, altura, perímetro cefálico, etc.

Desenvolvimento – trata-se das mudanças qualitativas, como aquisição e o aperfeiçoamento de capacidades e funções, que permitem à criança realizar coisas novas, com mais habilidades e cada vez mais complexas.

Maturação – é como ocorre a mudança e o crescimento na área física e psicológica do organismo infantil. Junto a essas mudanças, existem fatores transmitidos por hereditariedade, que constituem parte do desenvolvimento da criança. Existem as características e tendências que a criança traz ao nascer, seja física ou psicológica.

Aprendizagem – é a mudança constante do comportamento e da conduta, que se realiza através do que se experiencia e da repetição. Depende de fatores internos e externos, de condições psicológicas e ambientais.

Toda aprendizagem depende da maturação, relacionada às condições orgânicas, psicológicas e das condições ambientais (cultura, classe social, etc). É oportuno lembrar que se a criança não está madura para executar uma determinada atividade, não poderá aprendê-la, pois não disporá de condições para a sua realização. É através da aprendizagem, que o homem desenvolve os comportamentos que o possibilitam viver. Atualmente, estudiosos afirmam que este processo se inicia mesmo antes do nascimento.

Podemos afirmar que, em termos práticos, a prontidão escolar pode ser observada na criança quando ela é capaz de realizar, participar, criar, ser um ser sociável, se comunicar, com sucesso, dentro das suas capacidades, em tudo que é oferecido pela escola e pela família. Os principais sistemas de suporte, com que a criança conta para se desenvolver e enfrentar as dificuldades, são: a família e a escola.

Aspectos para a observação da criança de 6 anos de idade, na avaliação da sua prontidão para o aprendizado

- Participação – No ritmo do dia a dia. Nas atividades propostas. Demora a mudar de atividade.
- Conquistas – Os passos que a criança deu nos desafios propostos, nas atividades do dia a dia. Aquisição da autonomia.
- Alimentação – Quantidade. Restrições. Preferências. Mastigação. Digestão.
- Hábitos – Higiene. Controle do esfíncter. Autonomia.
- Atividades – Desenho. Pintura. Modelagem. Trabalhos Manuais. Afazeres na sala. Arrumar e ajudar. Coordenação fina. Como participa em cada atividade.
- Brincar dentro da sala – Preferências. Criativo. Como brinca. Como se relaciona. Participação.

- Brincar fora no pátio/parque – Preferências. Coordenação motora/corporal. Agilidade. Amadurecimento sensorial.
- Ouvir Histórias – Fica tranquilo. Consegue ouvir as histórias. Concentração. Entra nas imagens das histórias. Reconta. Memoriza.
- Linguagem – Sua expressão. Vocabulário. Pronúncia. Construção de frases. Voz nasal, oral. Retraído ou Extrovertido. Recitar versos. Cantar com facilidade ou dificuldade.
- Social – Poucos ou muitos amigos. Fixa-se numa criança. Relaciona com todos. Relacionamento com os professores e adultos. Retraído ou Extrovertido. Humor.
- Música – Canta. Memoriza as canções. Está atento. Voz mais aguda ou grave. Gosta de cantar. Segura uma nota mais tempo no final de uma música. Começa a se tornar consciente no domínio do ritmo.
- Sexualidade – Acordada ou não.
- Sono – Dificuldade para adormecer. Como vai dormir. Possui algum ritual para dormir. Choro. Pesadelo. Chega cansado ou bem acordado na escola. Enurese noturna.
- Dentição – Quantos dentes nasceram. A segunda dentição.
- Lateralidade – A tendência. Está definida a lateralidade.
- Motricidade grossa – Jogar bola. Pular corda. Andar. Correr. Nadar. Varrer a sala. Guardar os brinquedos. Subir em árvores. Pisa na ponta de pé. O equilíbrio. Agilidade.
- Motricidade fina – Como pega os lápis. Como segura os talheres. Como costura. Faz trabalhos manuais. Tem agilidade nas mãos e pés.
- Geografia corpórea – A movimentação do corpo pelos ambientes. Tropeça. Sobe e desce com facilidade. Locomove-se sabendo a direção. Balança sozinho. Nadar. Andar de bicicleta. Pular corda.
- Postura – Como se senta. Consegue pegar algo no alto. Como se coloca na mesa para comer. Como pega algo do chão, se inclina ou se agacha.
- Saúde – Doenças infantis. Gripes. Alergias. Visão. Audição. Alguma dificuldade, limitação.
- Constituição familiar – Pais separados ou não. Participação dos pais na vida familiar. Pontualidade e frequência da criança na escola. Relacionamento dos pais com a escola.

Constituição da Criança a ser observada

– **A constituição física** a qual o médico, o professor e a família devem estar atentos é algo hereditário onde não podemos influir conscientemente e diretamente. A mudança da criança pequena para a criança escolar, mostra-se, em geral, através da transformação da sua postura – na sua conformação física. O corpo infantil típico “rechonchudo” começa afinar e a esticar aos 5 anos de

idade. Os braços e as pernas se alongam e os dedos se afinam. A criança escolar torna-se mais esbelta e longelínea. Não tem mais as mãos arredondadas da criança pequena, a sua barriga se achata, a forma de toda a sua constituição física se torna mais delineada. A criança então consegue ter mais controle dos movimentos corporais, se apossa do seu corpo. Esta mudança é o sinal de que as forças formativas que atuaram no desenvolvimento corporal durante os primeiros 6 anos de vida da criança, alcançam sua meta principal, que é o amadurecimento do sistema neurológico e então podem começar a se colocar à disposição para o aprendizado, atuar num outro patamar.

– Na etapa dos 6 a 7 anos de idade, encontramos na conformação física, **a troca dos dentes** como um sinal do amadurecimento da criança. A formação dentária foi concluída com 24 dentes de leite, de modo que se inicia a troca dos dentes de leite para os definitivos. Para muitos alunos do 1º ano escolar, os dentes de leite ainda estão firmes, para outros estão moles ou já caíram, de modo que os novos dentes já podem ser vistos. Isto varia de criança para criança. A mandíbula se alarga e nascem os molares permanentes. Os dentes incisivos se afrouxam e já se formam os dentes novos. Este processo de denteição dura alguns anos, geralmente dos 6 aos 9 anos. Para a maturidade escolar é fundamental que, pelo menos, os molares de trás tenham rompido.

– Além da avaliação da conformação física e das trocas de dentes, a **avaliação da lateralidade** é algo muito importante. Alguns exercícios dados à criança podem mostrar se ela está definindo a sua lateralidade ou não:

Com que mão a criança desenha, segura a escova ou o lápis, ou joga bola?

Qual o pé que escolhe espontaneamente quando pula, sobe um degrau, ou chuta uma bola?

Em que orelha a criança coloca a concha do mar para escutar seu ruído ou leva o fone do telefone?

Com qual olho olha através de um caleidoscópio, monóculo (feito de papel em forma de um tubo) ou telescópio?

Através destes exercícios (em forma de brincadeira, com imagens) podemos observar como está a lateralidade da criança. Quando a cada exercício acima citado, ela usa um lado e depois o outro (o direito ou o esquerdo), existe um cruzamento. A criança vai nos mostrar a sua preferência. Ela deve diferenciar sua mão direita da esquerda, assim como diferencia o lado direito e o esquerdo nas formas das letras, como no exemplo das letras “d” e “b”. É muito importante que a lateralidade esteja definida, pois atua em todo o aprendizado da leitura e da escrita. Caso a lateralidade ainda esteja cruzadas, deveria ter um acompanhamento de uma fonoaudióloga.

– O exame de maturidade do desenvolvimento físico é complementado pela **observação no âmbito anímico e social**. Podemos observar que os meninos se desenvolvem mais devagar do que as meninas. As meninas em geral

estão de 2 a 4 meses na frente. Então devemos levar isso em consideração também na avaliação da maturidade de cada criança. Há casos onde existem a maturidade física, da lateralidade; e o professor observa a imaturidade anímica e social da criança. A criança que inicia o aprendizado escolar imatura, fica mais ansiosa e se sente desprotegida. Pode ser uma criança que teve poucas oportunidades de brincar, de estar com mais crianças, que não teve a oportunidade de realizar tarefas simples e conquistar autonomia. Ela não consegue seguir, copiar e tem dificuldade de fazer coisas que são propostas pelo professor. Uma criança assim poderia ter dificuldade em se concentrar e de se inserir no contexto social de um grupo maior com mais desafios.

Aos 6 anos, as crianças aprendem a seguir as regras e os padrões de comportamento básicos da sociedade. Elas já sabem discernir se uma ação é certa ou errada. A vida social da criança passa a ser cada vez mais importante, e é comum nesta faixa etária o que se chama “de melhor amigo”. Passam a dar um crescente valor à amizade. Também passam a se comparar com outras crianças da mesma faixa etária. Antes dos 6 anos de idade, a força que predomina na relação com o mundo é a prática, direta, imediata. Podemos chamá-la inteligência prática, espontânea. Esta inteligência funciona quando o cérebro ainda não tem a estrutura lingüística para a reflexão ou assimilação racional. Vendo que a inteligência prática, volitiva, é a primeira atividade inteligente à nossa disposição para aprender da vida, devemos concluir que tudo que tem a ver com a vida prática é o que forma o ser humano do zero a sete anos de vida.

– A criança aos 6/7 anos de idade já deveria conseguir fazer uma representação mental com bastante clareza, demonstrando assim seu **desenvolvimento cognitivo**. Apresentarmos um quadro de uma praia e pedimos que nos conte o que viu. A criança madura começa com o termo geral sobre o quadro “praia”, enquanto que a imatura começa pelos detalhes. É também importante que a criança madura consiga depois trazer os detalhes do quadro. Ela deve mostrar a capacidade de trazer o círculo, o quadrado e o triângulo nos detalhes do seu desenho. Deve conseguir ouvir vários relatos dos colegas e perceber que estão dentro de um mesmo tema.

A atividade de discernir os diferentes objetos, separando e guardando, mostra a maturidade da percepção sensorial e cognitiva. Podemos pedir a criança para trazer um regador, depois um vaso, um pote e uma vela. Numa seqüência, onde ela irá nos mostrar se consegue gravar o pedido e realizar todos os comandos.

Para a criança mais acordada e precoce, deixamos que monte um teatro de bonecos, no qual ela pode criar o cenário, escolher os personagens e organizar a apresentação. Ela irá se envolver, se entreter e será levada a se colocar com sua individualidade, desenvolvendo suas diversas aptidões. O ideal é que uma criança assim tenha muitas atividades criativas e lúdicas. Uma criança precoce não deve já sentir que os pais querem que ela seja um “gê-

nio”. Ela vai se sentir pressionada e pode regredir no seu desenvolvimento anímico. Uma criança cheia de capacidades e esperta precisa de adultos alegres e de muito humor, para equilibrar sua tendência de ficar no mental. Adultos com muito afeto e abertos para novas perguntas, sempre respondendo e conversando com ela, sem muitos detalhes explicativos. Há muitas pesquisas indicando um nível de estresse altíssimo nas crianças precoces e isso pode inibir a aprendizagem mais tarde.

Para o aprendizado escolar é dada ênfase à capacidade de resolução de problemas, uma habilidade que é aperfeiçoada com o passar do tempo. Como por exemplo, solucionar crises entre os amigos numa brincadeira. Até o quinto ano de vida, as crianças procuram resolver problemas através da primeira solução que vem à sua mente, certa ou errada. Após o quinto ano de vida, a criança passa a procurar por diversas soluções, e a reconhecer a solução correta ou aquela que mais se aplica à solução do problema.

– **O suporte da família** é de grande importância em todo o desenvolvimento da criança. Quando a escola oferece atividades práticas, alegres e criativas para a família e para a criança, isso promove o fortalecimento da ligação de todos e a construção da confiança. O desenvolvimento saudável da criança está diretamente ligado à participação da família nas atividades com os filhos, tanto em casa como na escola. Dentro da realidade em que as crianças vivenciam o espaço da escola desde muito cedo, pais, professores e educadores têm se preocupado com a questão da prontidão da criança e a aceleração no aprendizado.

Isso traz à tona o assunto da importância da família na prontidão escolar de uma criança ao viver um processo de ensino e aprendizagem. Os fatores indicativos dentro desse aspecto, na relação família, criança e escola, são os seguintes:

- a) se a criança teve contato com pessoas adultas estáveis, que participam da sua vida;
- b) se ela esteve exposta a um ambiente físico previsível e seguro;
- c) se ela vivenciou rotinas regulares e atividades que apresentaram ritmos em sua vida em casa;
- d) se ela esteve em contato com outras crianças fora da escola;
- e) se teve contato com materiais que estimularam sua capacidade de explorar e apreciar a natureza e o mundo que a cerca, assim como sua capacidade de obter um senso de controle sobre esses objetos, além do ambiente escolar;
- f) se ela foi respeitada em cada etapa do seu desenvolvimento, sem ser acelerada pelos adultos a sua volta.

– **Desenho** – “Eu sabia desenhar como Rafael (pintor Italiano), mas eu levei a vida toda para aprender a desenhar como uma criança – Pablo Picasso, pintor Espanhol.”

No desenho da criança de 6 anos, ela já determina o que vai fazer, antes de começar: “Agora vou desenhar uma árvore.” Ela tem um objetivo consciente ao fazer um desenho. Desenhos simétricos podem aparecer, formas que se repetem na folha com muitas cores.

Podemos ver uma evolução da forma humana. A criança pequena começa com os rabiscos ou garatujas, como uma continuidade da intensidade dos movimentos corporais. Depois com 3 anos de idade, ela enche a folha com círculos e esses ganham pontos no centro. Esses círculos demonstram que a individualidade está mais presente. Então surgem os raios em torno do círculo, como dedos que se estendem, tateando o mundo. Aos 4 anos de idade, surge o tronco, na forma de longas escadas. Vemos sua constituição física através do desenho. A estrutura física – cabeça, tronco e membros – já aos 5 anos de idade, começa a se delinear no desenho, quando a criança traz o céu e terra, em cima e embaixo, e uma casa, mostrando sua noção espacial e sua maturidade corporal.

Aos 6 anos de idade surgem formas triangulares e ela desenha com muitos detalhes, céu, chão, a casa, várias pessoas, árvores, tudo com muitas cores. Há a mudança na ênfase dos traçados. As crianças mais novas cobrem as superfícies de cores, as crianças mais velhas querem colorir os objetos, preencher tudo que desenharam.

– **Música** – Rodas, cirandas, onde todos participam com alegria, cantando, conforme a época que o grupo está vivendo no ano. Durante o ano, os professores organizam as épocas, conforme as estações, as datas importantes e as festas do ano. “Quem canta os seus males espanta”, ditado popular que traz uma verdade profunda. A criança primeiro começa a balbuciar, ouve as pessoas ao seu redor e imita. Ela emite os primeiros ruídos e depois começa a falar com imensa alegria. A criança aprende pela imitação. Ao cantar ela vive a alegria dos sons em harmonia. A música encanta e embala. A música ajuda na concentração, pois a criança gosta e sossega para ouvir. Tudo feito com música envolve, cria um ambiente caloroso. Devemos escolher músicas adequadas para cada idade. Assim como contamos histórias oralmente, também cantamos, sem usar o som de um aparelho, pois a criança quer ouvir a voz humana. As crianças mais velhas do jardim conseguem memorizar as canções e depois repeti-las.

– **Pintura** – Na pintura da aquarela, onde os pigmentos estão diluídos em água, a criança vivencia intensamente as cores. Olham as cores se misturando e novas cores surgindo. Observam a magia das cores escorrendo pelo papel. As pinturas se tornam menos “bonitas” aos 6 anos, pois a criança agora quer tentar novas cores, vivendo novos desafios. Depois volta a pintar em harmonia, à medida que descobre conscientemente como misturar e combinar as cores, controlando os movimentos dos pincéis, trazendo as formas e os movimentos adequados.

A pintura exige um cuidado, uma ordem e muita concentração. Prepara a criança para a ordem, o cuidado e a beleza, que serão exigidos na escola com

os cadernos e todo o material. Pintar com aquarela no papel grande e molhado, traz a experiência das cores, diferente do traçado do desenho.

A pintura é um momento que necessita de concentração, o cuidado com as tintas, o uso do pincel, várias habilidades para a criança de 6 anos.

– **Trabalhos manuais** – A criança aos 6 anos, usa os membros de forma mais vigorosa, ela é mais ativa. Ela gosta de mover móveis e tocos pesados, e usa todos os panos e brinquedos disponíveis para as brincadeiras. A criança maior do jardim de infância gosta de realizar tarefas, consciente do que é necessário para a atividade. Os trabalhos manuais, como o tricô e o crochê de dedo, trabalham a motricidade fina, requisitada depois para a escrita e o aprendizado escolar. As crianças adoram costurar, os panos da classe e as roupinhas das bonecas, que estão rasgados e precisam ser arrumados. Simples tarefas e úteis, que trabalham sua coordenação, a noção de ordem e a concentração.

– **Modelagem** – Apesar da maturidade da criança em diversos âmbitos, devemos observá-la e avaliá-la em todos os seus aspectos e necessidades. Os trabalhos manuais e as atividades artísticas trabalham diversas áreas do desenvolvimento e podem nos dar parâmetros de uma avaliação mais sensível e detalhada. Na modelagem, ao brincar na terra, na lama, modelando na areia, na natureza, as crianças moldam e se moldam nessas atividades. A natureza faz parte dela e de todo o seu desenvolvimento saudável. A modelagem ajuda a dar forma na sua relação com o mundo mais concreto. Ela traz os objetos que deseja na brincadeira, modelando na lama. Modelar com argila, fazer potinhos, bolinhas, suporte de velas, panelinhas, pratinhos, bichinhos, caracóis, etc. Ela cria e transforma todas as formas ao seu redor, redondas, retas, côncavas ou convexas, podem ser expressas.

– **Histórias e Contos** – “Se você quer que o seu filho seja brilhante, conte a ele conto de fadas, se você o quer muito brilhante, conte-lhe ainda mais contos de fadas – Albert Einstein , físico/cientista.”

A criança necessita do alimento dos contos de fadas, assim como o corpo físico precisa de alimento. Os contos trazem imagens, eventos e desafios que são enfrentados e superados. As crianças percebem que a verdade, a beleza e a bondade provêm de pessoas e da vida. O calor e a atenção que colocamos quando contamos uma história é algo que nenhum livro ao ser lido pode trazer. As crianças ouvem o conto e criam as imagens da forma que mais lhes convêm, de uma forma criativa que nenhuma ilustração de livro poderia trazer.

As crianças de 6 anos já conseguem se concentrar numa história maior e recontá-la. Ela sabe discernir as imagens dos contos e o que é real na vida do dia a dia. A narração oral proporciona um contexto rico que depois levará a criança a ter interesse pelos livros. Pois através dos contos ela terá o prazer de ler pelo prazer de entrar nas imagens e no conhecimento que a língua e a rima trazem. As imagens dos contos de fadas contam a história das pessoas, de

todos os tempos. Ela entra em contato com qualidades essenciais. Contos de fadas são uma parte vital da educação moral de uma criança.

Não devemos interpretar os significados dos contos ou avaliá-los, comentando com a criança, moralizando a história. Contamos uma história sem dramatizar (sem mudar o tom de voz). Para as crianças maiores e mais acordadas, escolhamos contos maiores, com mais heróis e desafios.

– **Brincar** – “O Ser Humano brinca quando é Ser Humano no pleno sentido da palavra e somente é ser Humano quando brinca. – Friedrich Schiller, poeta/escritor.”

O brincar é a forma da criança se expressar, imitando tudo ao seu redor e trazendo a sua linguagem imaginativa da fantasia. A fantasia é o impulso criativo pelo qual a criança elabora as impressões, decodifica e manifesta trazendo a sua força de vontade de se colocar no mundo com sua individualidade. A criança de 6 anos planeja antes o brincar e se interessa por tarefas definidas. Ela organiza com os amigos as atividades.

Damos-nos conta que as crianças em muitos lugares não têm mais o direito de brincar pelo simples prazer da brincadeira. Parece que tudo o que está relacionado com o brincar precisa render conhecimento imediato. Já se perdeu o bom senso do que é ser criança, da necessidade que ela tem e dos processos infantis necessários para o seu desenvolvimento. Leva-se tempo para crescer, para construir um corpo saudável que sirva de base física para todo um desenvolvimento anímico espiritual posterior.

A criança de 6 anos realiza grandes explorações e toda a natureza ao redor participa. Assim ela tem a chance de experimentar e vivenciar as noções de seu próprio corpo, desenvolvendo a agilidade, a coordenação motora, imagem corporal, noção espacial, equilíbrio, que são importantíssimos para o seu desenvolvimento escolar mais tarde.

– Algumas atividades que sustentam um desenvolvimento saudável para as crianças de 6 anos:

- a) No recreio/pátio podemos incentivar as crianças a brincarem de várias formas, exercitando-se e brincando:
 - Brincadeiras de roda;
 - Balançar conseguido sustentar o movimento com as pernas;
 - Se equilibrar na ponta dos pés;
 - Rodopiar no lugar;
 - Alongar-se na ponta dos pés com os braços levantados;
 - Brincadeira de carrinho de mão – uma criança está de quatro e a outra pega nos pés dessa, empurrando como uma carriola;
 - Brincar de esconde-esconde e pega-pega;
 - Agilidade para subir no trepa-trepa;
 - Andar com um saco de feijão na cabeça;

- Andar de perna de pau;
 - Nadar – se possível;
 - Balançar em pé no balanço;
 - Gira-gira, duas crianças de mãos dadas girando;
 - Escorregar sozinho;
 - Barras paralelas, para se pendurar ;
 - Troncos para se equilibrar;
 - Equilíbrio em cordas esticadas, uma acima e outra embaixo, nas quais a criança anda segurando na de cima;
 - Descer poste de bombeiro;
 - Andar de carrinho rolimã;
 - Andar de patinete;
 - Subir em árvore;
 - Dar cambalhota;
 - Pular corda.
- b) Podemos criar uma jornada/gincana com as crianças:
- Rolar morro;
 - Pular corda;
 - Pular de um pneu ao outro, colocados no chão;
 - Se equilibrar sobre pedras, tocos, troncos e outras superfícies irregulares.
- c) Criar uma trilha de obstáculos na sala de aula:
- Rastejar sob bancadas e mesas;
 - Saltar por sobre pequenos obstáculos ;
 - Pular de uma cadeira a outra;
 - Pular da cadeira para o chão, aumentando a altura da cadeira;
 - Andar de meias sobre sacos, costurados com pedrinhas dentro;
 - Andar sobre uma prancha estreita no chão;
 - Andar sobre uma tábua suspensa entre cadeiras;
- d) Em sala de aula podemos oferecer:
- Lixar
 - Serrar
 - Martelar
 - Triturar
 - Cortar
 - Sovar
 - Moer grãos
 - Carregar objetos pesados
 - Misturar massa de farinha pesada
 - Servir o chá ou água nas canecas
 - Lavar a louça
 - Costurar

- Tricô de dedos
- Costuras
- e) Sentir diferentes texturas:
 - Caixa de areia;
 - Cortar panos de diferentes texturas, feltros e brincar com os panos;
 - Sovar a massa de pão, com diferentes farinhas;
 - Brincadeira com água na areia;
 - Lavar louça e roupas/panos com água morna e fria;
 - Cestos de sementes e grãos;
 - Brincar de adivinhar o que está dentro do saco, sem olhar .
- f) Sugestões de atividades artísticas e musicais 1 vez por semana – Aula de Lira, Eufonia, Aquarela, Desenho, Modelagem.

Conclusão – Avaliação da criança no seu processo de maturidade

A criança é um intenso realizador de seu próprio conhecimento, emoções e comportamento. Aquelas áreas do cérebro que possibilitam funções executivas são as últimas a amadurecer. A criança precisa estar apta a identificar e organizar os passos para completar uma tarefa independente, para estar apta para o aprendizado. Os educadores devem perceber quais são os processos fundamentais para a prontidão da criança, que é um aprendiz e um executor por excelência. É imprescindível para a alfabetização e todo o aprendizado escolar que ela consiga realizar seus objetivos, usando suas inúmeras habilidades executivas, cognitivas, criativas e sociais. Somente no brincar a individualidade da criança é visível, quando ela “ensaia” de modo lúdico, tudo o que depois será requisitado quando adulto. Isto é, se mostrar firmemente situado na vida, tomando decisões responsáveis através de ações criativas e participativas.

Em torno dos seis/sete anos, a criança perde paulatinamente o impulso da imitação, o que lhe dava segurança. Ela se sente então insegura, não quer mais brincar como antes e quer ser igual aos grandes. Ela nos mostra de várias formas que o aprendizado espontâneo está se perdendo e uma nova forma de aprendizado e comunicação está surgindo. Antes ela se interessava mais pelo que fazíamos, agora se interessa cada vez mais pelo que falamos. Mudanças criam inseguranças e nós podemos ajudar. A criança olha para os maiores e quer adquirir suas habilidades. Os pais devem agora ensinar novos afazeres, com novos desafios nas atividades de casa. Tudo que é ensinado de forma criativa, onde é dado um espaço para a criança participar com suas contribuições, isto é o melhor preparo para o futuro pensar rico e criativo.

Não é saudável e enfraquece a criança se insistirmos que ela aprenda as letras, a leitura e a escrita, números e cálculos antes do tempo. Por volta dos 7 anos de idade, a criança em geral nos mostra estar apta e madura para a escola. Porém, ainda devemos respeitar a maior ou menor prontidão de cada aluno

individualmente. Os meninos nesta idade geralmente apresentam uma defasagem de quatro/seis meses em relação às meninas em nível de maturidade.

Ao percebermos algum comprometimento no desenvolvimento neurológico, devemos encaminhar para uma análise mais clínica para então ver a necessidade de um atendimento terapêutico. Nestes casos é de muita importância um trabalho conjunto permeado de confiança e abertura entre pais e escola. A não-prontidão para o primeiro ano pode se manifestar nos anos iniciais do ensino fundamental, como a falta de força na realização das tarefas, pouca concentração, dificuldade em adaptar-se ao trabalho proposto do dia a dia, não entrosamento nas brincadeiras e atividades artísticas e manuais.

A criança ao entrar no 1º ano escolar, ela entra num novo espaço e numa nova estrutura, com novas exigências e desafios. As pesquisas mostram que há um aumento dramático na possibilidade das crianças fracassarem no processo de alfabetização, quando não estão prontas para atender às exigências escolares. A dificuldade escolar do jovem, que foi uma criança sem maturidade para a alfabetização, muitas vezes o persegue durante toda sua vida escolar. Quando as crianças entram na escola com mais idade, por volta dos 7 anos, geralmente elas têm um melhor aprendizado. As crianças mais velhas tendem a chegar a resultados acima da média nas avaliações. As crianças mais novas apresentam dificuldades de aprendizagem e conseqüentemente classificadas como tendo problemas de aprendizagem.

Aquilo que anteriormente era ensinado no primeiro ano, hoje em grande parte já é abordado no jardim de infância. Os problemas que advêm da escolarização precoce, já surgem em inúmeras pesquisas realizadas em vários países. Pesquisas constatam que crianças de quatro a cinco anos têm uma necessidade genuína de brincar e a qualidade e a quantidade do tempo de brincar têm influências posteriores sobre a capacidade de pensar, capacidade de decisão e a capacidade de lidar com situações difíceis.

As experiências e estudos em diversos países europeus mostraram que os alunos que iniciaram o ensino da leitura e dos cálculos mais tarde aprenderam mais rápido e melhor. Isso quer dizer que os alunos que entram no 1º ano escolar, mais velhos, estão mais preparados. A sociedade exige, logo cedo, muito das crianças. O aprender precoce pode alcançar o contrário daquilo que se deseja. Uma receita segura para ampliar as dificuldades é a aprendizagem sob pressão. Há indícios de que experiências que são assimiladas com sentimentos negativos, não são registradas.

Por muitas vezes os adultos criticam as crianças dizendo assim: “Ela poderia fazer melhor se quisesse”. Seria mais acertado dizer: “Ela faria melhor se pudesse”.

Assim é a criança, uma força incrível de viver e agir no mundo. Ela aprende a andar, cair e tentar inúmeras vezes, sem desistir, com perseverança e a alegria da conquista, esperando que os adultos a respeitem!

DEIXEMAS CRIANÇAS LIVRES

Crianças necessitam de espaço para experiências e assim, serão adultos corajosos

Gabriele Pohl

O “difícil de ser educado” e selvagem, Tom Sawyer, foi o herói da nossa infância. Assim como ele, queríamos nós crianças conquistar o mundo com o qual os adultos nada tinham a ver. Isso também era possível, pois entre o almoço e o jantar seguíamos a nossa própria vida, geralmente fora de casa (deveres de casa, naquela época, era um pequeno intermezzo que na realidade não nos desviava das coisas mais essenciais). Para as crianças de hoje tais histórias dos adultos, de fogueiras não permitidas para batatinhas, de acampamentos secretos, de bandos e guerrinhas com as crianças vizinhas, as descobertas nos jardins dos outros, parecem como histórias de um passado remoto. Tais aventuras são contadas às crianças com entusiasmo e ao mesmo tempo são advertidas pelos mesmos adultos de não experimentarem as façanhas relatadas.

Muitos dos pais passam, apesar de sua atividade profissional, aproximadamente o dobro do tempo que antigamente passavam com os seus filhos. Grande parte dessa dedicação ampliada não pode ser computada ao atual e enaltecido “quality-time”, mas a uma presença mais assídua do adulto na atividade vigiada, como, por exemplo, no esporte, inclusive no transporte de ida e volta para o mesmo. Os horários das crianças, já no jardim da infância, estão tão acumulados que, principalmente as mães passam muito tempo com as crianças no carro, para conduzir seus rebentos de uma atividade à outra. Esse tempo não se encontra em nenhuma relação com o tempo que os pais passam com seus filhos em conversa, ao lerem para eles ou cantarem, na atividade frutífera comum.

Considerando que as crianças no tempo livre são encaminhadas para outros adultos, ao treinador, à professora de balé, à pedagoga musical, diminui também a possibilidade das crianças de praticarem uma atividade autodeterminada, sozinha ou com outras crianças, sem vigia.

O espaço livre no qual as crianças possam se testar, onde seguem seus próprios caminhos, vivenciam aventuras e podem exercitar seus limites desaparece cada vez mais. Para as crianças o “em casa” não é mais o ponto central do qual continuamente aumentam o raio das atividades. Atualmente se denomina isso de “ilhar a infância”. Com a perda de espaços públicos livremente

disponíveis (jardins mal cuidados ou terrenos abandonados), que antes convidavam para brincar ou fazer descobertas de um lado, e a enorme exigência dos adultos fazendo as crianças dar conta de grandes cobranças do outro lado, os âmbitos vitais das crianças gradativamente são atados às instituições. Para o tempo livre há um horário e as crianças, às tardes são levadas de carro de uma ilha pedagógica à outra. Raras vezes alcançam suas atividades a pé ou de bicicleta, mesmo para os encontros com amigos da escola são levados preferencialmente de carro. Isso, por sua vez, tem como consequência que pais que querem deixar seus filhos brincarem na rua, geralmente não encontram outra criança com quem pudessem brincar. Tais pais, além disso, rapidamente chegam a ter fama de negligenciarem o cuidado com seus filhos. Os medos dos adultos são tão grandes que as crianças na sociedade ocidental progressivamente podem apenas se movimentar em espaços seguros, como por exemplo, nos centros comerciais “shopping centers”. Em São Paulo isso hoje, já é o caso. Vivenciam-se crianças menores, de famílias bem situadas somente em “shopping centers”, o resto da cidade lhes permanece largamente inacessível. Quão assustadoramente rápido se processou a perda da liberdade de movimentação é o que mostra um questionário realizado na Inglaterra: em 1971, 80% das crianças de sete a oito anos podiam ir sozinhas para a escola, em 1990 eram apenas 9%.

“Por medo de que a morte poderia nos arrancar a criança, privamo-la da vida. Para evitar a morte, não a deixamos viver corretamente”. Isso escreveu Janus Korczak já nos anos oitenta, a partir das mesmas ponderações pedagógicas que levaram ao presente artigo. Mesmo assim desde então muita coisa mudou. Outrora pais advertiam seus filhos dos mesmos perigos de hoje, porém, as crianças podiam então, sem vigilância, movimentar-se livremente lá fora a fim de comprovar se tudo aquilo de que eram advertidas, realmente era tão perigoso.

Os riscos hoje não são maiores do que então

Comprovadamente os temores dos adultos de que as crianças hoje estão expostas a maiores riscos, de certa maneira, não estão corretos. Mesmo que a mídia nos sugira isso, aparentemente com sucesso. Por exemplo, o ministério do interior do governo constatou em seu “Primeiro Relato Periódico de Segurança 2001” que nas últimas três décadas não aumentou nem o risco de violação, intimação sexual, nem mortes, assaltos, e nem mortes por agressões sexuais.

Uma infância sem danos, seguramente não é possível; a não ser sob condições que evitam toda e qualquer possibilidade de desenvolvimento da criança. Não são pequenos acidentes, alguns arranhões, um grande susto, acompanhamentos no caminho de tornar-se adulto, em vez de indicações de

incapacidades educacionais e falta de responsabilidade? Não é possível que quando pais deixam seus filhos simplesmente brincarem, livremente, fiquem com a fama de ferirem sua obrigação de intendência! Infelizmente cada vez mais pais capitulam não somente diante do seu próprio medo, porém também diante da opinião pública.

Em vez de confiar na capacidade de resistência das crianças e enxergar o risco de se machucar como um componente da liberdade, da qual as crianças necessitam para perscrutar o seu meio ambiente e para poder fazer experiências com ele e consigo próprio, tentamos preservar as nossas crianças de tudo, preservando-as em primeiro lugar da própria vida.

Aquele que super protege as crianças, rouba-lhes a alegria de viver, autoestima e a chance de superar crises.

Crianças necessitam de aventuras

A Criança, desde o início de sua vida, vai aberta em direção ao mundo. Sua postura fundamental em relação à vida e às outras pessoas é aquela da confiança. Ela acredita que o mundo a queira bem. Corajosa e confortavelmente apropria-se de novas capacidades. Crianças aprendem a ser cuidadosas no fazer; seu medo de coisas reais e falta de confiança, geralmente são projeções do medo dos adultos.

Quando uma criança sobe numa árvore, é do conhecimento dos adultos o risco de uma queda e algum ferimento. Mas, igualmente nós sabemos que a criança terá alcançado um novo grau de habilidade, uma nova sensação de poder fazer de novo e a segurança em si, quando descer novamente sem dano. Uma criança que desde cedo pode provar-se sempre de novo, pode avaliar muito melhor os riscos por conhecer melhor os seus próprios limites do que uma criança a que nada se confiou e nada se exigiu.

Crianças precisam provar-se constantemente. Independente se sobem em árvores altas, atravessam rios a nado ou de forma análoga buscam perceber-se a si próprias ou os seus limites: é sempre melhor do que assistir a filmes de horror e ser “verdadeiramente homem” como atualmente tornou-se hábito usual. Nós hoje temos em vista, de um lado, a não exposição ao risco físico da criança, mas, por outro lado, muitos adultos subestimam em que grau as crianças estão expostas ao risco anímico. Com alguns cliques do mouse as crianças de dez anos chegam a vídeos pornográficos; filmezinhos que embelezam a agressão sexual fazem a rodada no pátio da escola, via celular; quando quebra-se uma amizade, encontram-se detalhes dessa relação no “Youtube”. Mas nem é preciso ir tão longe: Uma infância de ‘sofá e batata frita’ não somente predestina para todas as possíveis doenças que surgem por falta de movimento, porém também para elevado déficit emocional e social, por falta de experiências reais.

A vigilância total

“Helicopter-parenting” é um fenômeno que descreve pais que circulam por cima de seus filhos como helicópteros. Atualmente isso acontece frequentemente mediante a vigilância através do celular (de cada três crianças de oito anos, uma possui um telefone próprio) que possibilita aos pais a cada instante ter contato com seus filhos. Alguns pais até gostariam que fossem implantados microchips debaixo da pele de seus filhos. O que já existe é uma vigilância via rádio por GPS sobre o celular ou uma instalação que envia um SMS para os pais quando a criança se distancia de casa num raio de 500m. O “celular junior” que vem dos EUA com “funções excepcionais de controle” toca alarme quando a criança em determinada hora não aperta uma tecla para que os pais saibam que ela ainda vive. Num outro celular os pais podem determinar zonas que a criança não deve ultrapassar. Nos EUA são usados os mais variados aparelhos de vigilância, especialmente para adolescentes. Por exemplo, lá é oferecido um sistema de segurança onde é possível programar no carro com que velocidade a própria criança pode dirigir, quando, em que raio e em que horário. Como é que os jovens podem aprender autoresponsabilidade se forem vigiados em todas as direções? E como lidam com isso, de serem tratadas com tanta desconfiança?

O medo por “Stranger-danger” o “homem mau” hoje esta impregnado nos pais. Esse medo que move os pais para tal, de insuflar sempre de novo desconfiança de outras pessoas é fomentado de forma eficaz por todos os lados, especialmente pela mídia. A advertência – “Não fale com pessoas desconhecidas, pode ser alguém que te faça mal” – provoca profunda insegurança nas crianças. Como é que crianças em tal atmosfera de desconfiança podem desenvolver uma postura de confiança em outras pessoas? Como podem desenvolver capacidade de julgar? Como podem ter confiança em se dirigir a um outro adulto quando, de fato, necessitarem de ajuda?

O que as protege de fato e eficazmente é única e exclusivamente uma autoconfiança bem desenvolvida para que possam dizer não quando não se sentem bem em determinada situação, isto é, elas precisam de um bom contato para com os seus próprios sentimentos em vez de medo fomentado pelos adultos. Pois este enfraquece as forças vitais. Não se trata aqui de acusar os pais que têm medo pelos filhos, antes se impõe a pergunta como chegou a esse ponto que atualmente há tanta falta de confiança de que a vida fundamentalmente quer o nosso bem? Por que falta a tranqüilidade de alguma vez deixar acontecer as coisas em relação às crianças?

Atualmente a educação das crianças repousa em dois ombros, às vezes apenas em um. Ninguém duvida que esse peso é realmente grande. Acontecendo realmente algo grave, os pais podem estar seguros que eles arcam com toda a culpa. Em tempos passados a situação era de envolvimento num cír-

culo de família maior, além disso, em caso de dúvida se imiscuíam os vizinhos ou até pessoas estranhas. Seguramente isso trazia maior controle, mas também o sentimento de responsabilidade dos homens em relação às crianças dos outros era maior.



Hoje pressentimos perigo em toda parte, sendo que a vida nunca foi tão segura como atualmente, ao menos na Europa. O medo de a criança não poder desenvolver-se na faixa etária, o medo da repentina morte infantil, o medo de a criança vir a sofrer de uma doença grave não reconhecível, o medo do Sol ou de que pudesse engolir bolinhas de gude, se transfere para o medo do mau comportamento, seqüestros e abuso sexual. Como é que os pais podem transmitir aos filhos confiança na vida quando eles mesmos presumem atrás de cada arbusto um criminoso sexual?

Uma saída do círculo diabólico

O que fazer? Temos que aprender a diferenciar entre responsabilidade de educação em perigos reais e os medos que apenas têm a ver conosco. Podemos tentar criar uma imagem mais realista do mundo e de seus perigos do que a mídia nos transmite. E nós podemos nos exercitar, no âmbito menor. Por exemplo, primeiramente observar as nossas crianças no seu fazer antes de interferir. Mostrar-lhes como se segura a faca sem se cortar. Estar a seu lado quando querem tentar algo. Para depois permitirmos que façam sozinhas. Nós temos de oferecer ajuda lá onde elas necessitam e ter confiança onde querem se provar a si próprias. Trata-se de aprender a lidar com os riscos, não de evitá-los. Isso vale tanto para pais como para crianças. Precisamos desenvolver coragem e confiança na força de resistência das crianças.

As crianças também aprendem a conquistar confiança na vida quando oferecemos algo contra as impressões e mensagens negativas às quais a criança está constantemente exposta: relações, alegria, atenção, fazer em conjunto algo sensato, beleza, integridade, moralidade.

Se desde cedo lhes é transmitido constantemente quão perigosa a vida é, e quão pouco se pode confiar no próximo, isso pode ter conseqüências desastrosas. Torna-se evidente no exemplo do tema, a violência dos jovens na Grã-Bretanha. É relatado de adultos que têm medo de jovens, de crianças que têm medo umas das outras e que não têm mais coragem de sair sozinhas de casa, a não ser, armadas – extorsão, facadas e casos de morte são exaltados na mídia. Os dados oficiais, ao contrário, dizem outra coisa: nos últimos dez anos os acidentes físicos causados por facas se reduziram pela metade. O “Guardian” fez uma enquete com jovens sobre porque se munem de armas. A resposta foi unânime: Eles têm medo! “Ter uma arma me dá poder e proteção.” “Lá fora há um mundo grande e mau e eu não vejo porque não deveria ter uma arma.” Muito rápido o medo se transforma em agressividade e essa, por sua



vez, gera medo. Assim se movimenta a espiral e repentinamente as pessoas estão com razão que têm a rua como um lugar perigoso.

Crianças querem e necessitam comprovar. Sua saudade por vivências é grande. Quando, como crianças, não têm a oportunidade para tal, podem circunstancialmente buscar formas diferentes, fortes impressões sensoriais: “surfear no metrô” ou beber até entrar em coma.

Toda educação finalmente vai em direção ao preparo da criança para a vida independente. Isso sucede a passos pequenos. Precisamos aprender a suportar a observação de como a criança vai se desenvolvendo sucessivamente para longe de nós. Nós não devemos e nem podemos parar esse desenvolvimento. O amor dos pais leva ao erro quando não suportam o tornar-se adulto e independente de seus filhos, quando não querem aceitar que o tornar-se independente e a separação, desde cedo, é a meta dessa relação especial. Temos que ter responsabilidade com os nossos filhos, mas não podemos, por motivos egoístas, querer atá-los medrosamente a nós.

Ou como formula o autor sírio, Kahlil Gibran: “Vossos filhos não são vossos filhos, eles são filhos e filhas da ânsia da vida por si mesma. Eles vêm através de vós, mas não de vós e, mesmo estando convosco, não vos pertencem”.

Autora:

Gabriele Pohl – Pedagoga diplomada, terapeuta infantil, dirigente do Instituto Kaspar-Hauser para pedagogia curativa, arte e psicoterapia em Mannheim.

CRIANÇAS NECESSITAM DE VERDADE

A quinta essência de toda relação humana

Michaela Glöckler

O quanto crianças necessitam de verdade evidencia-se quando uma criança está muito doente e sente que o adulto esconde alguma coisa. Quando ela percebe que o adulto não a toma a sério, não confia que ela possa suportar a verdade, independente em que idade, causa-lhe uma grande dor. Em relação à verdade, crianças são surpreendentemente sensíveis, percebem de pronto quando algo não está certo.

Como pediatra, percebi sempre, já em crianças bem pequenas, quando, por exemplo, um lactente era trazido aos berros no consultório e logo ficava quieto quando, como médica, eu tomava ele do pai ou da mãe. A segurança do médico de estar à altura da situação acalma de pronto a criança: Estabelece-se confiança. A pessoa responsável, pelo contrário, transmitiu a sua preocupação diretamente para a criança. Por mais tranqüilamente que o pai ou a mãe fale – a criança não assimila as palavras, porém, a inquietação, a preocupação e o medo que se ocultam por trás.

A sinceridade em situações difíceis é sempre o mais adequado para as crianças. Para isso não são necessárias explicações minuciosas, esclarecimentos e muitas palavras, que muitas vezes a criança não é capaz de acompanhar. Decisivo é que as palavras, a postura e a ação estejam em concordância. As crianças, percebendo isso, sentem-se protegidas e em casa.

Apenas nos últimos 25 anos este aspecto foi descoberto, através da assim chamada “pesquisa de relações” a psiconeurologia, como predisposição decisiva para a saúde do ser humano: quanto mais verdadeiro o ser humano leva a sua vida, quanto mais seu modo de pensar e suas atitudes estão em conformidade – quanto mais diz o que quer dizer e também o faz – tanto mais coerente este ser humano será em si e, portanto, mais saudável. Isto é totalmente compreensível, pois quando no organismo nem todas as funções são afinadas, quando nem tudo transcorre de forma ordenada, então nós estamos doentes. Quanto mais a vida espiritual e a anímica correspondem ao bem estar corporal, tanto mais saudável e tranqüilo o ser humano pode perceber-se a si próprio.

O significado de uma boa relação

Paralelamente a este lado da veracidade que promove a saúde no relacionamento consigo próprio, ainda uma realidade mais ampla se colocou no

centro da pesquisa de desenvolvimento da formação e da educação: a influência da relação humana sobre o desenvolvimento do caráter da criança.

Quando estudei medicina nos anos setenta isso ainda não era conhecido. Aprendi no estudo que o caráter se formava através da origem e da educação, isto é, através da genética e do meio ambiente - o que desde Aristóteles até o século 20 continuava aceito por convicção e, primeiramente nos anos oitenta, realmente mudou. Naquela época os seguidores da genética comportamental e os da psicologia comportamental, na discussão sobre quais desses fatores teria maior influência, haviam acertado que hereditariedade e meio ambiente social teriam o mesmo peso. Demorou muito tempo até os dois lados chegarem à conclusão de que isso não poderia ser verdade, pois nesse caso irmãos, que têm até 75% a mesma massa hereditária e, via de regra, crescem no mesmo meio ambiente, seriam muito mais parecidos. Exteriormente irmãos, freqüentemente são bastante semelhantes, freqüentemente também têm vozes parecidas e outros sinais constitucionais, mas interiormente são totalmente diferentes. Assim estranhos, com os quais não há ligação genética, nem pelo meio ambiente, podem estar anímica e espiritualmente mais próximos e “aparentados” de nós do que os próprios irmãos.

Começando a pesquisar a questão da influência da experiência de vida sobre a formação de caráter evidenciou-se que paralelamente à hereditariedade e ao meio ambiente ainda existe um terceiro fator importante: a relação. Pois como um ser humano aprende a lidar com suas experiências de meio ambiente problemático, seus traumas, agressões, más experiências na vizinhança, na escola ou dificuldades de constituição e de barreiras de saúde, depende de com que relações ele vive e como ele pode aprender, dentro dessas relações, a lidar com todas essas dificuldades. Quanto mais o adulto transmite à criança que está certa assim como é, quanto mais é instituído um espaço livre de desenvolvimento para a criança, tanto mais clara e espontaneamente a criança chega a si própria.

Na medida em que o adulto aceita a criança, na mesma medida a criança também aprende a se aceitar e fazer o melhor disso. O bom relacionamento humano é, visto dessa maneira, como o verdadeiro lar da criança.

Vivenciando proteção, aceitação e segurança na relação ela pode realizar a formação de confiança e de identidade. A criança sente-se bem quista e abordada como ser humano.

Como passo seguinte interessou aos pesquisadores quais os critérios existentes para uma boa relação. No decorrer da pesquisa chegou-se às três competências cernes da personalidade humana, assim como estas se mantiveram nos documentos religiosos da época pré-cristã e principalmente na era cristã – como o amor à verdade, o próprio amor e amor à liberdade – são de importância decisiva. Da extensão da presença deles depende se uma relação é boa ou se torna boa. Quando sinceramente se busca essas qualidades fa-

zendo, sempre de novo, o maior esforço de realizá-las na vida surge uma atmosfera na qual as crianças se sentem bem. Para a criança é decisivo que o adulto perceba quando ela se desviou e mesmo assim possa enfrentá-lo abertamente, pois ele mesmo luta pela honestidade e por compreensão amorosa. Então a criança e o adulto têm em conjunto um chão firme sob os pés, mesmo que o caminho pareça espinhoso e difícil.

Se veracidade e luta pela verdade e honestidade são qualidades tão essenciais na relação humana, impõe-se a pergunta de como pode ser aprendida.

Observação sensorial exata

Existe um âmbito no qual se pode aprender amor à verdade, o âmbito da observação exata do nosso meio ambiente – o âmbito da observação sensorial. Assim não há discussão a respeito se cá ou acolá está uma árvore. Se alguém afirmasse que lá ela não estivesse, seria possível corrigir através da observação de outros.

A percepção sensorial no âmbito dos fatos é um maravilhoso educador para a verdade. Nesse âmbito, porém, hoje se encontra um grande problema: oferecem-se às crianças cada vez menos oportunidades de se movimentar no mundo sensorial e fazer experiências nele. Observações sensoriais quase não são mais treinadas, como, por exemplo, por meio de descrições precisas ou desenhos.

Puramente do aspecto do tempo uma criança encontra cada vez menos a realidade do mundo real não distorcido, em lugar disso cada vez mais pseudoverdades de um mundo artificial como são transmitidos por “games”, vídeos, TV e todos os demais meios de comunicação. As crianças, cada vez mais, ficam familiarizadas com um mundo onde os fatos e as impressões sensoriais podem ser constituídas aleatoriamente, onde não há uma verdadeira relação com o mundo real. Apesar disso é transmitida a impressão de que nestas imagens trata-se de realidade. Que isso não é o caso, sabem os adultos ou jovens mais velhos por reconhecer mais claramente a que se referem, na realidade, tais imagens. Para estes não é problema estabelecer a relação entre o mundo artificial da mídia e o mundo real, mediante suas experiências no mundo sensorial e uma certa capacidade pensamental.

Quando essa experiência sensorial concreta não pode ser vivenciada diariamente de novo pela criança, o cérebro, então, não interiorizou os sinais de uma realidade verdadeira e com isso não tem à disposição parâmetros para uma avaliação real. Para uma tal criança as vacas são lilases e os “comics” são reais. Com isso não só é questionada a relação para com a realidade como também é dificultada a elaboração das experiências reais.

O âmbito das observações sensoriais também, para nós adultos, oferece um bom remédio para sempre novamente nos educarmos para a veracidade.

Um exercício prestimoso e bonito é, por exemplo, copiar bem fiel uma obra de arte - talvez o semeador de van Gogh, um Monet ou uma pintura abstrata da arte moderna. Nesse caso trata-se apenas de copiar fielmente aquilo que se enxerga. Neste exercício evidencia-se o quão nitidamente é necessário olhar para treinar seu sentido para o todo da composição artística, para a perspectiva, cor, e forma - em poucas palavras a expressão essencial da imagem que só se desvenda a sentidos aguçados.

Observação cuidadosa também é possível exercitar em curtos momentos de espera: uma pessoa, um processo, uma árvore, ou apenas olhar bem exatamente uma única folha, em seguida fechar os olhos e redesenhar interiormente o que foi visto e em então confirmar se a pós-imagem corresponde ao percebido exteriormente.

No âmbito da verdade trata-se de exatidão. Ao lado de uma reprodução exata de fatos exteriores podem ser exercitadas, especialmente, na entrega amorosa ao pequeno, ao detalhe, às particularidades da vida. Dessa maneira, à noite, na retrospectiva do dia podemos recolocar determinadas impressões diante da alma e tentar reproduzi-las nos detalhes tão fiel quanto possível: O que vestia o meu parceiro de conversa com quem eu hoje ao meio-dia tinha um problema? Como eram os seus sapatos? Quem se esforça por também observar detalhadamente partes aparentemente insignificantes, este aguça seu sentido para a verdade, para a veracidade no plano físico, pois nesse plano se abre para nós a realidade sobre os nossos sentidos.

Pensar claro

Uma educação atuante para a verdade também se realiza num próximo âmbito, ao qual os nossos sentidos não têm acesso - o nível do pensar. Na Matemática, na Geometria, na Lógica ou na aprendizagem das leis da natureza nós nos deparamos com pensamentos que simplesmente são reais, que qualquer um treinado no pensar, a partir de si, pode acompanhar. Estas são as grandes verdades que ligam toda a humanidade. Este é um âmbito para nós seres humanos onde não pode haver desavença por diferença de opinião - onde dois mais dois, indiscutivelmente, são quatro -, um âmbito cujas regras são determinadas com exatidão e segurança, e possível de ser provado a qualquer instante.

O âmbito da veracidade do pensar é concludente, nenhuma discussão, nenhum desvio é possível.

Exatamente esses dois âmbitos de exercitação para o sentido da veracidade - observação exata dos sentidos e pensar claro - em muitos sistemas educacionais atuais recebem a mínima atenção. Já nos primeiros anos escolares a realidade é substituída por imagens artificiais que não permitem percepções sensoriais verdadeiras, são transmitidas informações, saber pronto e manejo de leis, mas não o saber próprio, criativo, não a descoberta própria de

normalidades. O saber assim se torna a grande autoridade, mas não se torna o educador para o amor à verdade.

Uma revolução no sistema educacional tornar-se-ia necessária para que os alunos em cada aula aprendessem a observar por conta própria e pensar por si só. Só assim eles poderão ser educados para a veracidade.

Vida dos sentimentos coerente

O terceiro âmbito da educação para o amor à veracidade compreende a vida dos sentimentos. Esse âmbito encadeia-se diretamente à observação sensorial e ao pensar.

Nós todos conhecemos a alegria que nos preenche se algo está correto que nós elaboramos pensamentalmente ou quando vemos algo belo. Da mesma forma sofremos quando não compreendemos algo ou ao enxergar algo feio, ruim e destrutivo. Os nossos sentimentos se desenvolvem na própria relação com os dois âmbitos da observação sensorial e da atividade pensamental, mas vão muito além disso.

Na vida dos sentimentos descobrimos que não nos encontramos em chão seguro. Quando quisermos educar a nossa vida dos sentimentos para o amor à verdade, precisamos constatar que não somos capazes. Cada ser humano confia em seu sentimento e, via de regra, considera correto aquilo que sente e isso está correto para ele nesse momento. Cada um que tem um pouco mais de idade sabe que quando criança sentia muito diferente do que apenas alguns anos mais tarde, como jovem, e que está frente ao mundo, cada vez, com novos sentimentos, quanto mais velho fica.

A vida dos sentimentos é um âmbito especial. De um lado podemos educá-la através da observação sensorial e do pensar e desenvolver uma percepção para a veracidade e para a exatidão. Do outro lado, porém percebemos que os nossos sentimentos no decorrer da vida se modificam fortemente. Torna-se evidente, por exemplo, quando tomamos nas mãos um livro com partes sublinhadas que lemos há anos. O que naquela época achamos importante nos parece às vezes até estranho. Com isso percebemos o quanto entrementes nós mudamos e percebemos de modo bem diferente. Para o âmbito da alma vale que constantemente mudamos com tudo aquilo com que nos confrontamos, com tudo o que nos acontece. Quanto mais o Homem está em condições e está disposto a se envolver com aquilo que lhe acontece, reagir de forma adequada e ordená-lo com sensatez e de elaborá-lo, tanto mais fortemente modifica-se sua vida dos sentimentos e com isso ele próprio.

A vida dos sentimentos oferece um espaço de desenvolvimento que permite a aprendizagem constante.

Quão importante é esse espaço de desenvolvimento, reconheceu a pesquisa moderna da saúde, a salutogênese. Ela descreve como o desenvolvimento (para a saúde) se realiza em três passos de aprendizagem:

- *Compreensão.* Trata-se em primeiro lugar de aprender a compreender os acontecimentos com os quais se depara – trabalhar a sua compreensão.
- *Sentido.* Ordenar essas vivências de forma que façam sentido, significa o próximo passo não óbvio; pois nem tudo que se compreende, automaticamente nos parece fazer sentido.
- *Manuseio.* No último passo de aprendizagem trata-se daquilo que o Homem reconheceu como sendo sensato, que também o realize, isto é, que busque ter seus conhecimentos disponíveis e os realize – mesmo que seja apenas em pensamentos e em sentimentos, quando exteriormente não for possível realizar algo. Importante é apenas ter encontrado interiormente o acesso àquilo que se reconheceu.

Logrando dar conta de fazer esses passos sempre de novo, então nos sentimos bem, então sentimo-nos em casa no mundo. Esse sentimento na pesquisa da salutogênese é denominado de coerência como um sentimento de fazer parte, da capacidade de se relacionar consigo próprio, com outras pessoas, com o mundo. Quem, porém, não entende o que lhe acontece, não abarca o sentido e conseqüentemente não pode se conduzir e tornar-se ativo, esse cai fora da corrente da vida, se separa do seu destino – tanto da própria vida interior como também de seu mundo ambiente, do mundo de fora.

Autora:

Dr. Michaela Glöckler, ano 1946. Formada em medicina, especialização em pediatria no hospital de Herdecke e na Clínica Universitária de Bochum. Dez anos de experiência em consultório pediátrico e médica escolar. Desde 1988, dirigente da Seção de Medicina no Goetheanum em Dornach/Suíça. Exerce atividade de palestrante no âmbito internacional. Autora de numerosas publicações.

Outras obras:

Michaela Glöckler, Anselm Grün: “*Crianças procuram verdade. Educação espiritual*” “*Promovendo saúde no dia-a-dia*” n° 190.

O QUE É QUE AMADURECE AFINAL?

Bases antropológicas para a maturidade escolar

Renata Wispler

O termo maturidade escolar desapareceu do vocabulário comum do sistema público. Desde que a alfabetização precoce é tocada para frente o termo maturidade escolar foi substituído por um conceito mais ameno, capacidade escolar. Mas permanece a pergunta, o que é que amadurece na criança, ou, o que capacita a criança a ir para a escola, lá exteriormente, estar sentada silenciosamente e interiormente embarcar no processo de aprendizagem? O que precisa acontecer para que a criança se torne madura para a escola?

Observemos um recém-nascido. Está completamente dependente de seus pais. Não consegue dirigir sozinho o seu olhar, olha como por cima de nós. Seu ser anímico-espiritual parece estar vivendo em volta, no meio ambiente, ainda não pode lidar com o seu corpo. Impõe-se a pergunta – como consegue a criança ligar-se a seu corpo?

Rudolf Steiner fala de um Eu superior, uma entidade espiritual que conduz o ser humano de uma vida terrena à outra vida terrena e constrói o seu corpo. O nosso eu-cotidiano tem a ver apenas indiretamente com este eu. Na retrospectiva de nossa própria biografia podemos apenas intuir que uma força superior nos guia. Sempre de novo, após um acontecimento do destino, podemos perceber que um acontecimento ou um encontro de pessoas tinha um sentido mais profundo. Essa força que conduz, é esse Eu superior que já conduziu a formação embrionária no corpo materno. Após o nascimento dirige a integração do anímico-espiritual no “corpo-hereditário” que recebeu dos pais. Para isso precisa dos sentidos, daqueles sentidos que nós chamamos de sentidos inferiores ou os sentidos do corpo: o sentido do tato, o sentido vital, o sentido do movimento próprio e o sentido do equilíbrio.¹

Os sentidos são as portas de entrada da alma, eles abrem o mundo com os seus órgãos e sua atividade. O mundo que é aberto através dos sentidos corpóreos é o nosso próprio corpo. Essa atividade dos sentidos corporais no adulto geralmente é inconsciente. No recém-nascido é diferente. Para ele o corpo ainda é desconhecido. Ele precisa aprender a conhecê-lo por meio de sua consciência onírica. Esses sentidos, porém, não desenvolvem suas atividades por si mesmos. Eles necessitam do estímulo de fora, eles precisam de cuidados.

1. Steiner, Rudolf - *Antroposofia - um fragmento* – GA 45 - 2º. cap.

Nós sabemos que esses sentidos corpóreos atualmente são pouco estimulados, por ser pouco conhecida a necessidade deles para o desenvolvimento da criança. Mas justamente desses órgãos dos sentidos, a criança precisa para desenvolver outros órgãos dos sentidos que apenas estavam predispostos e que, por sua vez, são a base para todos os processos de aprendizagem.

A atividade do órgão do sentido do tato

A primeira grande vivência do tato para o ser humano em formação é o nascimento. A criança que até agora flutuava no líquido amniótico sente, no canal do nascimento, pela primeira vez os seus limites corporais. Ao mesmo tempo fica exposta à gravidade. Vivencia o limite físico por meio da pele e sente a pressão que seu corpo, pelo peso da gravidade, exerce ao estar deitado. Incontáveis vezes a criança, no decorrer do tempo de bebê e criança pequena, precisa ser trocada e é tocada. Quanto mais jovem for a criança, tanto mais está ocupada com essa vivência onírica do tato. É a base para que possa se sentir segura em seu corpo e em seu entorno. Rudolf Steiner chama a isso de confiança primordial que se desenvolve a partir do tato. Toda religiosidade, o sentimento de ser sustentado por um mundo paterno celestial baseia-se em tal vivência².

Tendo a criança desenvolvido esse sentimento de segurança, progressivamente não percebe mais tão intensivamente as vivências táteis em seu corpo. Os limites corporais continuam a ser vivenciados, eles nos dão o sentimento de segurança para toda a vida. A força da percepção fica então à disposição para a percepção tátil da vida exterior. Aquilo que via de regra, chamamos de “tatear” começa agora. O sentimento de segurança, o sentir-se abrigado no próprio corpo, permite à criança, sentir-se como um ser, ela própria e com isso reconhecer uma outra pessoa como um ser próprio isolado. O sentido do tato se transforma em sentido do Eu. A criança é capaz de reconhecer a outra pessoa como um Eu, o Tu.

Através do sentido do tato o Eu superior da criança transmitiu a ela uma relação com o seu corpo. Surgiu o sentido de si próprio e com ele a predisposição para a percepção de outras pessoas. O aluno pode, através dele, reconhecer a autoridade legítima do professor e aceitá-la.

A atividade do sentido vital

O lactante, através do sentido vital, percebe seu estado físico. Fome, sede, necessidade de sono, ele vivencia diretamente como algo que perturba seu estado de ser. É tudo isso inicialmente, um sentimento indefinido que

2. Steiner, Rudolf - *O Enigma do Homem - as bases espirituais da História Humana* GA 170 -Pal. de 12.8.1916.

somente pode ser exteriorizado por meio do choro.³ O sentido vital, porém, ainda atua muito mais profundamente. Com a sua ajuda o lactante percebe os muitos processos em seu metabolismo. Com isso constrói uma relação com sua organização vital e a estrutura em seu organismo.

Como órgão está à disposição do sentido vital o sistema nervoso, que forma um manto da mais fina rede de nervos em volta de todos os órgãos do metabolismo e percebendo-os, os interliga entre si. Assim pode ser realizada uma importante tarefa do sentido vital, a percepção do trabalho metabólico e com isso o seu direcionamento. O leite materno o lactente pode aproveitar diretamente para a construção de seu corpo, ele não precisa primeiramente passar pela digestão.⁴ Diferente é com o alimento normal da Terra. Aqui, a partir de substância estranha, é preciso criar substância própria. O alimento precisa passar, como descreve Rudolf Steiner, por sete processos vitais da organização etérica, isto é, o alimento precisa ser assimilado pela boca, aquecido, triturado e no estômago, com fortes ácidos, transformado em bolo alimentar e ser despido de sua qualidade de ser estranho ao corpo. Aquilo que do alimento é aproveitável pelo organismo precisa ser assimilado pelo sangue no intestino, o não aproveitável deve ser expelido. A partir do fluxo sanguíneo as substâncias assim transformadas podem manter o corpo, causar crescimento e por fim apresentar um novo organismo.⁵ Essa transformação do alimento a criança percebe, aprende e com isso se apropria dela. Depois de aproximadamente um ano, esse processo de aprendizagem chega ao fim. A atividade de percepção da criança se separa do processo do metabolismo e torna-se livre. O sistema vegetativo como órgão do sentido vital ordena esses processos agora sozinho e nos protege, na vida que se segue, da percepção dos processos de nossa digestão. Isso significa para a criança que pode sentir-se bem dentro de seu corpo.⁶ Com isso é abarcada a organização vital e agora está a sua disposição. Sua consciência agora se torna livre para outras coisas. O sentido vital espelha as necessidades da vida a partir do âmbito de vida para dentro do âmbito inferior da alma. A criança vivencia em sua alma da consciência fome, sede, sono, dor; aprende a diferenciar e externar esses sentimentos.

Até agora a vida da criança era pura percepção. Cores, sons, cheiros, calor, ela vivenciava, espontaneamente, sem poder compreendê-los. As impressões penetravam, sem filtro, invadiam a criança “se impregnavam” e por essa razão tinham uma forte atuação na formação do corpo.⁷ Com aproximada-

3. Steiner, Rudolf - Idem 1.

4. Steiner, Rudolf - *Observações Meditativas e Orientação pelo Aprofundamento da Arte de Curar* - GA 316 Pal. de 21.4.1924.

5. Idem 1 - 4º. cap.

6. Steiner, Rudolf - *Uma fisiologia oculta* - GA 128 - Pal.24.3.1911.

7. Steiner, Rudolf - *Educação da Criança do Ponto de Vista da Ciência Espiritual* - GA 34 - pág.309.

mente um ano, a criança começa a denominar os objetos em sua volta. Ela pode, através da disposição da organização etérica, agora liberta e da força da percepção que se tornou livre do sentido vital, compreender o sentido inerente às coisas. Surge o sentido do conceito ou do pensamento. Seu órgão é a organização vital introduzida pelo sentido vital.⁸ A pura percepção é unida ao pensamento pelo sentido da compreensão. A criança pode agora reconhecer o mundo fora de si. Impressões de cores difusas tornam-se objetos reconhecíveis. Através disso o mundo se ordena para a criança e as impressões que atuam sobre a criança a partir do mundo, com o tempo perdem a sua força corpórea. A criança agora através do sentido do conceito tem a possibilidade de pensar. Mas com que ela pensa?

A criança incorporou através do sentido vital a sua organização vital; ao mesmo tempo ela construiu para si algo que Rudolf Steiner chama de o lado cultural do corpo etérico. Essa substância etérica é livre da tarefa de acompanhar processos vitais, ela possibilita o pensar como processo. É a substância em nós com a qual podemos esquecer e recordar. Toda educação cultural e processos vitais são apenas possíveis por meio dessa força etérica.⁹ Também ela está sujeita, como a organização etérica, aos sete processos vitais. Também um pensamento precisa ser “digerido”. Ele precisa ser aceito, ele precisa se comunicar com o organismo pensamental existente. Conteúdos pensamentais úteis precisam ser separados dos não úteis, então poderão ser interiorizados, esquecidos e novamente ser lembrados. Agora são pensamentos próprios, os atuais complementam, podem desenvolver-se e finalmente possibilitam criações pensamentais novas. Essa parte do corpo etérico até a maturidade escolar ainda está presa dentro dos processos da constituição do corpo físico. Com a troca dos dentes ele começa a se libertar. Está à disposição da criança para os primeiros processos pensamentais. Ela tornou-se madura para o aprendizado.¹⁰

Sob a orientação do Eu superior o sentido vital proporcionou à criança a organização vital com lado corporal e lado cultural. A criança pode se sentir confortável em seu corpo por que em sua consciência tornou-se livre dos processos corporais.

A atividade do sentido do movimento próprio

Uma premissa inevitável para cada movimento volitivo é a percepção dos músculos e nervos.¹¹ Aqui está ancorada a tarefa do sentido do movimen-

8. Steiner, Rudolf - Idem 2 - pal. de 2.9.1916.

9. Steiner, Rudolf - *Antropologia do Ponto de Vista Espiritual* - GA 107 - pal. de 2.11.1908.

10. Lindenau, Christof - *O Homem que se Exercita* - Ed. Freies Geistesleben 2001.

11. Rohen, Johannes W. - *Morfologia do Organismo Humano* - Ed. Freies Geistesleben - 2002.

to próprio, ele precisa, como diz o seu nome, perceber o movimento próprio do ser humano. Seu órgão é a soma de infinitos receptores de expansão e contração nos tendões e músculos, que estão conectados por meio de nervos com a medula espinhal e, portanto, ao cérebro e que reagem a cada mudança de tensão muscular. A percepção do músculo acontece por meio do nervo. Que o músculo, então se move, que se torna ativo, isso é transmitido através do fluxo sanguíneo com seus múltiplos processos metabólicos.¹²

O recém-nascido ainda não tem nervos amadurecidos capazes de funcionar; não pode perceber seus músculos e por isso não se pode mover voluntariamente. Mas foi lhe dado o movimento de espernear e o movimento reflexo. Esses movimentos estão ligados ao músculo ativo com os processos metabólicos, que por sua vez, quando entram em movimento, causam o amadurecimento dos nervos existentes. Estando o nervo amadurecido (ele será envolvido por uma camada celular protetora), então a criança, através dele, pode perceber o músculo. O sentido do próprio movimento agora se torna ativo. Também aqui nos processos de movimento trata-se de uma presença profundamente onírica que permite à criança a vivência do movimento. Com cada grupo de músculos que passa a conhecer, sentir e exercitar amadurecem ou surgem também novos nervos; a musculatura continua a se desenvolver e no uso torna-se forte. Quanto mais complexo um movimento se torna, tanto mais variadas são as sinapses nervosas que percebem a tensão muscular entre si permitindo processos complexos. Um movimento aprendido depois de muito exercitar será acompanhado então pelo sentido do movimento, mas doravante sem consciência. A atenção onírica da criança volta-se então para a aprendizagem de novos movimentos. Como adultos podemos refazer essa vivência quando aprendemos novas seqüências de movimentos, por exemplo, guiar carro. No início temos que acompanhar cada movimento com a consciência acordada. Tendo exercitado suficientemente, podemos realizar os movimentos necessários automaticamente; nossa consciência está totalmente à disposição para outras coisas, nesse caso, para o movimento do trânsito.

O desenvolvimento do movimento também leva ao amadurecimento, enredamento e multiplicação dos nervos. Nesse sistema nervoso amadurecido pelo desenvolvimento do movimento transcorrem processos metabólicos que permitem à criança representar conscientemente. Algo percebido pode estar como imagem diante da alma. O nervo não pode formar os próprios pensamentos, mas ele nos possibilita tornar conscientes os pensamentos, olhar para eles e interligá-los, “enredá-los”.

A criança madura para a escolarização, que pode lidar livremente com os seus movimentos, também compreende conteúdos de representação e pode relacioná-los a outros pois agora, estão à sua disposição forças da inteligência.

12. Steiner, Rudolf- *Ciência Oculta e Medicina* GA 312 - pal. 23.3.1920.

O sentido do movimento também possibilita a compreensão lingüística. Rudolf Steiner mostra que todo o ouvir da fala acontece através da percepção profunda das vibrações da musculatura responsável pela fala, que acontecem em nós através da fala de uma outra pessoa. O ouvido, nesse caso, apenas tem a função de transmissor. Essas vibrações musculares específicas do som, entretantes, puderam ser comprovadas com aparelhos de medição muito refinados. No lactente toda a musculatura ainda acompanha as vibrações da fala da mãe. Sua força de percepção ainda está principalmente voltada para o desenvolvimento do movimento; passo a passo esta se torna livre e pode perceber a fala através do instrumento da musculatura. A partir do sentido do movimento próprio desenvolve-se o sentido da fala. A fala pode ser movimentada, e junto compreendida.¹³

Com a ajuda do movimento próprio o Eu superior instaurou na criança o movimento; a criança pode manuseá-lo, nele desenvolver alegria e se vivenciar como ser capaz de agir, sentir e representar. As capacidades anímicas da criança criaram nela a predisposição física, para mais tarde, na maturidade sexual estar livre, à disposição do jovem. Além disso, o sentido do movimento próprio deu à criança a capacidade de participar da fala, compreendê-la e, mais tarde, usá-la independentemente.

A atividade do sentido do equilíbrio

O sentido do equilíbrio acompanha o desenvolvimento do movimento da criança pequena. Seu órgão central consiste dos três arcos que se encontram instalados bem próximos ao ouvido interno, dentro do osso duro no rochedo. Seu campo de ação, porém, é mais expandido: Ele acompanha e conduz o desenvolvimento do movimento de tal forma que o andar ereto possa acontecer. Esse, no entanto somente pode ser aprendido se a criança ao lado do sentido do equilíbrio, vivencia outras pessoas com andar ereto em seu entorno. Sem esse exemplo a criança não é capaz de se erguer livremente sobre as suas pernas. Dessa maneira a criança com a ajuda do sentido do movimento, do equilíbrio e do exemplo de outras pessoas pode desenvolver-se para dentro da “Gestalt” ereta. Novamente trata-se de uma percepção profunda que ajuda a criança a aprender todos esses delicados movimentos que precisa executar para encontrar o equilíbrio e, mais tarde, poder mantê-lo em movimentos complicados.

O que significa o andar ereto para o Homem? Por um lado ele liberta os braços e o cinturão da espátula para trabalhos humanos livres. Por outro lado, com movimentos constantes do resto do corpo, ele possibilita o repouso à cabeça, e com isso, ao cérebro. Esse cérebro, assim é conduzido como numa

13. Idem 9 - 8.12.1908.

carruagem. Além disso, ele torna-se leve por meio da força do empuxo que o cérebro sofre pela água que o circunda. Repouso externo e leveza possibilitam que os processos mentais e os da representação possam estar com calma e atenção diante da alma. Torna-se possível um pensar consciente.¹⁴

Calma e leveza também são predisposições para o ouvir consciente. Nós apenas ouviríamos ruídos indefinidos se não pudéssemos direcionar a atenção para aquilo que queremos ouvir. Necessitamos para isso de uma força de consciência que se direciona para aquilo que quer ouvir. Terminado esse processo da percepção do equilíbrio, esse processo vai continuar a atuar inconscientemente. Sua força de percepção agora fica à disposição do ouvir, o “ouvir direcionado”. O sentido da audição direcionada surgiu a partir do sentido do equilíbrio. A criança madura para a escolarização pode direcionar sua atenção para determinada coisa por sua própria vontade.



O Eu superior conferiu à criança, através do sentido do equilíbrio, o repouso da cabeça e com isso a condição física para poder se concentrar em conteúdos de aprendizagem. Consciência livre torna-se possível e com isso, ao mesmo tempo, é dada a predisposição corporal para que nos anos vindouros possa se desenvolver a livre consciência do eu.

Resumo

A questão inicial foi o que em verdade se torna maduro na criança com a maturidade escolar. Pelo apresentado resulta a resposta: o corpo físico torna-se maduro. A criança o abarcou e transformou, modificou e individualizou o corpo hereditário de seus pais com a ajuda dos seus quatro sentidos. Ela agora tem um corpo que, no desenvolvimento futuro, pode ser o suporte dos seus quatro membros essenciais:

- O corpo físico em sua delimitação pode vivenciar-se a si próprio e captar as relações com o mundo físico em seu entorno;
- As forças vitais se ancoraram no corpo físico, o lado corporal do corpo etérico está à disposição para um metabolismo individualizado, o lado cultural do corpo etérico, para processos mentais;
- O sistema muscular e neuro-sensorial desenvolvidos tornaram-se suporte das forças anímicas do corpo astral no corpo físico. Com o auxílio dos músculos e nervos a criança é capaz de representar, sentir e estar ativo. Também a compreensão da fala e finalmente a própria fala baseiam-se nessa atividade;
- Por fim o corpo se torna capaz, pela postura ereta, de carregar a consciência do eu.

14. Idem 2.



Foram apresentadas as capacidades que devem estar à disposição de uma criança com maturidade escolar quando lograram os processos aqui apresentados. Nós sabemos que atualmente não é o caso para todas as crianças. Mas para compreender o que falta individualmente a cada criança, para que possa embarcar em processos de aprendizagem reais, é necessário conhecer os processos saudáveis de desenvolvimento. Assim podem surgir imagens em nós que nos possibilitam a estimular o pós-amadurecimento nas crianças.

Observação: É justificada a objeção de que existem crianças que dispõem de uma inteligência boa, até muito boa, apesar de o processo de vivenciar-se em seu corpo não lhes tenha logrado perfeitamente. É preciso prestar atenção se o pensar pode ser individualizado ou não. Um pensar individualizado, elaborado interiormente é possível através dos processos de integração acima descritos.

Autora:

Renate Wispler: clínica geral, colaboração médica na pedagogia curativa e atua como médica escolar. Ativa como médica particular com especialização em distúrbios de desenvolvimento em crianças; casada, 4 filhos.

ENXERGAR AS SOMBRAS

Hugo Spalinger

O Eu tem determinadas condições de crescimento. Alimenta-se exclusivamente dos movimentos que ele próprio faz. Aqueles que outros fazem em seu lugar não lhe são apenas uma falta de ajuda, como também o enfraquecem.

Jacque Lusseyran, Contra a poluição do EU

Pode-se partir do ponto de vista que uma disposição para o vício tem uma cota orgânica que, já surge com o nascimento, ou é adquirido no decorrer da vida ou então é provocado por um envenenamento. Órgãos mal constituídos, funcionando mal ou não funcionando dificultam respectivamente o metabolismo e o anabolismo. As manifestações de deficiências ou envenenamento resultantes disso influenciam o pensar, o sentir e a vontade. No caso do álcool, a relação com o fígado e a vesícula é visível. A “planta produtora da vida”, como se designa o fígado, reproduz constantemente nova vitalidade e é responsável pelo frescor e bem estar. A vesícula, estreitamente ligada ao fígado, é responsável por ter-se à disposição novos impulsos de energia; empresta força para a ação e impulsividade. Na presença de um distúrbio biliar, tanto a força de tensão quanto a de impulso são afetadas. As consequências físicas deste distúrbio são a indecisão e uma postura de hesitação. Com distúrbios do fígado muitas vezes surge o cansaço crônico acompanhado de mal estar que não precisa avançar até a consciência.

Os antigos curadores falavam nesse contexto de suco biliar vitalizante dourado, isto é, suco biliar negro e ligavam esses sucos a um espírito jubilante e alegre e ou à melancolia e depressão.

A atuação do álcool

Pessoas com problemas com álcool enxergam preferencialmente as sombras, o negativo o escuro, a impossibilidade, o não logrado, o que (segundo a sua noção) falta. Assim é o olhar direcionado para trás daquele que é atingido pelo álcool em um passado glorioso, antes, transfigurado.

O futuro só existe como algo que é difícil e, em verdade, não o quer. Assim procuram justamente aqueles que têm pouca ou nenhuma expectativa

de futuro, muitas vezes refúgio em grupos periféricos viciados em álcool como os “Hooligans”, círculos racista-nacionalistas, grupos que freqüentam “happy hours”, etc.

O que primeiramente padece por consumo de álcool é a capacidade de julgar que se baseia num pensar claro e sentir objetivo. O que se apresenta alterado imediatamente após o consumo de álcool é estado anímico desenfreado que se manifesta na capacidade diminuída do controle emocional. Através disso, os contornos entre presente, passado e futuro ficam misturados e indefinidos. Julgar e pensar são as últimas capacidades no desenvolvimento e as mais difíceis de serem conquistadas. Já pequenas quantidades de álcool influenciam, mesmo que de forma imperceptível, nos processos cognitivos anímicos exigentes. O pensar e o sentir tornam-se tão misturados que nem um nem outro se tornam possíveis sem serem obscurecidos. Os pensamentos de cunho emocional e o amor próprio exigem a supremacia. Autocompaixão, mania de grandeza e superestimação são as primeiras conseqüências do uso do álcool. Em seguida vem a limitação da capacidade de falar. É destruída a maravilhosa interação dos órgãos distribuída entre o peito e a cabeça que formam as sílabas e as palavras. A fala perde sua clareza, é imprecisa, sem forma.

Também o equilíbrio é atingido. A famosa expressão “andar na linha” logo se torna coisa impossível. Esta é a causa do andar de pernas abertas de quem está alcoolizado, com isso tentam compensar o equilíbrio perdido.

Por fim os reflexos são atingidos. Isso começa com a impossibilidade de se alimentar corretamente. Através disso podem surgir distúrbios maciços baseados na falta de percepção e de reação. O domínio físico global é reduzido, possível de chegar-se à perda total de controle (incontinência). Depois de falhar a respiração, a morte.

Via de regra, são estes os degraus da escarnação: Quanto mais elevado o consumo de álcool, mais profundamente o álcool ataca as capacidades do ser humano. Consumo leve de álcool quase não interfere na respiração, porém, interfere sim, nas capacidades humanas mais elevadas, tais como julgar, pensar e as competências sociais.

Sob a influência do álcool modifica-se a perspectiva do indivíduo de forma eficaz. O passado domina e sobrepuja as percepções e sentimentos do presente. Visto dessa maneira, é compreensível como os alcoólatras “grudam” no passado e percebem o presente como futuro. O presente encontra-se sob a influência de lembranças não trabalhadas, subjetivas e torna-se espelho do passado. As sombras do passado tornam-se representações do futuro de vivências reais que absorvem a luz (consciência) como um “buraco negro”.

A maior tarefa do alcoólatra consiste em encontrar a força de centrar-se no futuro e de trabalhar a rede de representações de lembranças não trabalhadas.

Missão do álcool

Culto a Apolo

Na Grécia antiga (por volta de 800c. C.) o álcool era usado nos rituais de iniciação. Eleusis, próximo a Atenas, era um lugar famoso de iniciação consagrado a Demétria, a deusa da fertilidade. O culto a Dionísio lá praticado prometia uma renovação do mundo. Até então a Grécia estava submetida ao culto apolíneo, dedicado ao Sol, o culto ao ensino, da forma, da hierarquia piramidal: um pequeno grupo de pessoas escolhidas ensinava ao povo de como deviam viver e de se comportar.

Culto a Dionísio

Ao contrário do culto apolíneo, ocupava o primeiro lugar do “novo” culto dionisíaco, a vivência. Pessoas que quisessem seguir este caminho eram levadas e induzidas á vivências que não eram possíveis no dia-a-dia. No fim desse caminho iniciático, havia uma prova de iniciação que somente estava aberta a pessoas que estavam devidamente preparadas. Os mal preparados não sobreviviam a essa prova ou ficavam “loucos”. Passava pela prova somente quem superasse situações extremas arranjadas de forma artificial. As percepções feitas nisso atuavam de modo a pesar fisicamente, causavam medo e pânico. Um dos preparos para a prova era oferecer aos mais jovens adeptos maiores porções de álcool, desafiando em seguida suas capacidades perturbadas (equilíbrio, capacidade de reagir). O culto dionisíaco servia ao desenvolvimento de um amplo autocontrole e os “iniciados” estavam predestinados a serem guias capazes de administrar situações insólitas, vindas do futuro, sem perder a “postura”, o respectivo “autodirecionamento”.

Disputa dos sábios gregos

Por volta de 400 a.C. descreve o grande filósofo grego, Platão, uma disputa a assim chamada “Disputa dos Sábios”, de seu mestre Sócrates, no qual o mesmo princípio do autocontrole havia sido provado. Em volta dos dois sábios contraentes havia espectadores que, através de suas observações, confirmando ou reprovando as falas, davam anuências individuais. Para poder dar resposta aos pensamentos do opositor havia uma condição: a de repetir exatamente os pensamentos daquele que falou. Somente então o contraente podia acrescentar seus próprios pensamentos. Era hábito que para isso os atores principais tomassem uma grande porção de vinho perma-

necendo, se possível, com “juízo” claro. Ao vencedor caberia todo louvor já que, apesar do vinho entorpecente, fora capaz de pensar brilhantemente, manter a fala clara e, em seguida, ir para casa na postura ereta.

Aqui não se tratava de se embriagar ou de se aliviar. Pessoas que se dedicavam a esses exercícios e estavam em relevante perigo, faziam isso para como preparo de um período vindouro. Era esse, na verdade, o espírito dessa iniciação. Não se tratava de prazer ou curiosidade, mas sim o de não perder a razão que seria usada em ações futuras, possivelmente em circunstâncias caóticas.

Componentes da história (ocidental) da emancipação

Nos exemplos acima mencionados torna-se reconhecível a missão do álcool. Isso consistia em desatrelar os homens da ligação da clarividência atávica, inconsciente e sonambúlica com o mundo espiritual. Com isso está criada a base de atuar, de sentir e de pensar a partir de si próprio.

O motivo para o alcoolismo nos jovens, que surge durante a puberdade na sua fase de se soltar dos laços autoritários dos pais, muitas vezes é “o ponto de virada”. A forma, atualmente, do assim chamado “beber até desmaiar”, a ingestão rápida de bebidas com alto grau alcoólico até o estado de inconsciência corresponde à prática grega, mas de forma decadente, separada do ritual.

Do ponto de vista da missão primordial do álcool, os jovens atuam em uníssono: com o gozo extensivo do álcool, rapidamente se perdem todas as formas e normas impostas pela educação, funiladas ou vertidas sobre a cabeça. Depois de abdicar às formalidades, veria, no espírito do grego, a pergunta: “O que ainda é o EU?”; “O que é EU próprio?”; “O que sou EU?”

Isso em nossa época geralmente é omitido e o perigo reforçado, pois os puros mecanismos de suplantam o alcoolismo motivam o seu consumo e levam ao vício.

Abuso atual

Emancipação do culto

Tradições sociais, em camadas sociais diferentes, foram questionadas sem que fosse colocado suporte substitutivo. Mesmo na Europa, progressivamente, tornaram-se perceptíveis as diferenciações sociais e com eles o surgimento da mudança de consciência. As pessoas questionavam cada vez mais as instituições de elite. Igreja e sistemas políticos. O ser humano foi “cortado” do espiritual. Afastado para bem longe do mundo espiritual, ele se via impulsionado para o materialismo.

O álcool, com isso, libertou-se totalmente da sua relação original culturalística e religiosa e tornou-se puro meio de deleite e de vício, a fim de compensar o vazio da alma e do espírito.

Conseqüências sociais

A soltura psicológica causada pelo consumo de álcool, a limitação do sentir e do pensar influencia as capacidades sociais negativamente de maneira duradoura. Em conjunto com o consumo propagado resultam efeitos amedrontadores no convívio entre as pessoas.

Assim famílias inteiras ficam traumatizadas e esses traumas perduram, às vezes, a vida toda, com risco aumentado de que as vítimas se tornem viciadas. Também são ações profissionais, sociais e técnicas erradas de comunicação, das quais resultam custos na saúde, déficits de desenvolvimento e de produtividade, que vão pesar no balanço geral e que devem ficar a cargo da sociedade. O pesar, os enormes valores dissipados que são causados pelo consumo do álcool, quase não vêm à tona nas estatísticas econômicas, apesar de terem influência decisiva no balanço estatal.

Prevenção

A prevenção ao uso do álcool entra em ação no campo social, sobe e cai com a competência social. Uma comunicação regular evita que se acumulem sentimentos não dominados e livremente flutuantes. A conversa é o caminho de construir um autoconhecimento incentivado a partir de fora. Na ausência dessa possibilidade, falsas observações e julgamentos somam-se à incriminações ameaçadoras que também podem assumir um caráter paranóico.

Medidas que constroem a confiança são o remédio mais eficaz para reduzir a agressão e introduzir a vontade humana e a formação da comunidade de forma positiva. A prevenção contra o álcool pode ter somente como meta a de ensinar as pessoas a lidarem com o veneno. Predisposição para isto é ter uma postura anímica que permita dar conta das exigências diárias comuns e das especiais.

O mais importante em relação ao álcool é que o “tornar-se homem” seja ajudado a perceber os lados da vida cheios de luz. Concretamente isso significa estruturar encontros de maneira a reconhecer-se e a valorizar-se. Eu somo a estes encontros tanto os físicos sensórios, os interpessoais anímicos quanto os anímico-espirituais. Através disso o existente realmente se torna consciente, e é integrado positivamente no tesouro das experiências positivas. Uma base para isso é um desenvolvimento profundo das percepções.

Êxitos tornados conscientes dão força para o futuro e assim a luz interior de uma autoconfiança saudável pode reluzir calorosamente. Pessoas des-

ta forma dotadas têm facilidade de dividir o seu “excedente”, especialmente quando a imagem de Homem não está seriamente prejudicada. A partir desse gesto de doação emana um dos maiores e mais duradouros sentimentos de felicidade que o ser humano pode vivenciar. Uma individualidade preenchida com isso não busca “substitutos da satisfação”, porém, a repetição de seu “Êxito”.

O Autor:

Hugo Spalinger, ano 1948, pintor, professor de artes, terapeuta artístico e de viciados. Ativo como terapeuta artístico na “Fondation La Clarière”- Chamby/Suíça. Instituição estatal para jovens de doenças mentais e viciados – 16 a 24 anos) Docente em pedagogia curativa Clair-Val -Epalinges- Suíça, formação continuada da Associação Internacional do trabalho de drogas antroposófico, e ativo na Formação de Professores Waldorf em Praga, membro do “Círculo de Pesquisas sobre Álcool da I.V. a S.” Prevenção de dependências e de drogas em escolas Waldorf – palestrante em relação ao tema.

Indicação Literária:

Boris Cyrulnik: *Minha sorte na vida determino eu*. Ed. Goldmann - Munique 2003.
Peter Bützer: *Substancias atuantes (venenos, farmacêuticos, drogas)*, 2008; “*Álcool*” *Etanol*, 2007. Ambos disponíveis como download sob www.buetzer.info/unterlagenkripte.html, Pädagogische Hochschule St. Gallen.
Steiner, Rudolf - *Arte de educar (I) GA 293*.
Steiner, Rudolf - *Arte de educar (II) GA 294*.
Steiner, Rudolf - *Colóquios seminarísticos GA 295*.
Bauer, Joachim - *Capacitação social e de ressonância - porque o ser humano atende à cooperação*. SWR2 - Aula - Serviço de Manuscritos, prazo até 21.01.07.
Yunus, Muhammad - *Por um mundo sem pobreza* - Ed. Lübke , Bergisch Gladach, 2006.
Schindauer, Wolfgang/von Scheidt, Jürgen: *Manual de drogas* - Munique 2003.

O QUE DISSE RUDOLF STEINER SOBRE O ÁLCOOL

Rudolf Steiner

“O vinho, ou seja, o álcool, surgiu em uma determinada época da história do mundo e da humanidade. E ele desaparecerá novamente do mesmo [...]. O álcool foi a ponte que levou do EU da espécie, do grupo, ao EU individual. Jamais o ser humano teria conseguido dar este passo sem a atuação da substância do álcool. Ele gerou a consciência individual, pessoal no ser humano. No momento em que a humanidade atingir essa meta, ela não necessitará mais desse álcool e este desaparecerá novamente do mundo físico[...] Por esta razão, aquele que ingere álcool não deve ser contradito, enquanto, por outro lado, aquelas pessoas que se anteciparam às demais e levaram o seu desenvolvimento ao ponto de não necessitarem mais do álcool, também devem evitá-lo.”

Extráido de Rudolf Steiner, *Desenvolvimento da humanidade e reconhecimento de Cristo* - GA 100, 25.11.1907.

“Os senhores sabem que qualquer substância, de alguma forma, atua sobre o ser humano e o álcool tem uma atuação bem determinada sobre o organismo. Ele, em verdade, tinha uma missão no decorrer do desenvolvimento da humanidade; ele tinha – por mais estranho que pareça – a tarefa, assim por dizer, de preparar o corpo humano de tal maneira que ele fosse cortado da relação com o divino, para que o “EU” pessoal pudesse vir à tona. Pois o álcool atua de forma a cortar relação do homem com o mundo espiritual, no qual o Homem se encontrava anteriormente. Essa atuação o álcool ainda tem hoje. O álcool não esteve em vão na humanidade.

Numa humanidade vindoura, poder-se-á dizer, no verdadeiro sentido da palavra, que o álcool teve a tarefa de puxar o Homem para dentro da matéria com o objetivo de que o Homem se tornasse egoísta, e que o álcool o levou ao ponto de reivindicar o Eu para si próprio e não mais a serviço de um povo inteiro. Portanto, o álcool realizou o contrário do serviço que a alma grupal da humanidade realizou. Ele tirou a capacidade do Homem de, nos mundos superiores, sentir-se uno com o todo. Por isso o culto dionisíaco cultivava a convivência numa espécie de torpor exterior [...]. O desenvolvimento na época pós-atlântica foi, por esta razão, relacionado ao culto dionisíaco, por ser esse culto um símbolo e uma missão do álcool. Agora, quando a humanidade

busca o caminho de volta, onde o Eu está desenvolvido a ponto da humanidade encontrar novamente a conexão com as potestades anímico-espirituais, chegou o tempo onde, inicialmente a partir do inconsciente, surge certa reação contra o álcool. Essa reação se dá, pelo motivo das pessoas sentirem que algo que teve uma importância especial já não se justificar mais”.

Extraído de Rudolf Steiner - *O Evangelho de João* - 23. 5.1908 GA 103

“Sabemos que existe uma relação íntima entre o EU e o sangue. Essa relação pode ser caracterizada exteriormente quando no EU é percebida a vergonha, quando o rubor da vergonha sobe ao rosto da pessoa ou quando no EU for percebido temor, medo e a pessoa empalidece. Essa reação do EU sobre o sangue, que está presente normalmente, ela é, no âmbito oculto, muito semelhante àquele efeito que surge quando o processo da planta é retroativo, sendo que aquilo que existe no bago, na polpa da fruta, ou melhor, tudo aquilo que emerge da planta, é transformada em álcool [...] A consequência disso é que introduzimos algo em nosso organismo que, por outro lado, age da mesma forma como o EU sobre o sangue. Isto quer dizer que, ao consumirmos bebida alcoólica, ingerimos um contra-EU; um EU que luta contra o nosso EU espiritual. Por outro lado, o álcool age sobre o sangue da mesma forma como o EU age. Desta forma, desencadeamos uma guerra interna e, finalmente, tudo aquilo que parte do EU é levado à perda, quando o opositor é o álcool. Essa é a realidade oculta. Aquele que não ingere álcool assegura-se da possibilidade de atuar a partir do seu Eu sobre o sangue; aquele que ingere faz exatamente como alguém que quer quebrar um muro batendo de um lado e, ao mesmo tempo, do outro lado perfila pessoas que batem contrário a ele. Da mesma maneira é eliminada a atuação do eu pelo álcool.”

Extraído de Rudolf Steiner: - *Qual é o significado do desenvolvimento oculto do Homem para os seus invólucros e o seu próprio ser?* - 23.03.1913 GA 145

Palestras para os operários

“Aquilo que se manifesta no alcoolatra crônico com o tempo, é que o tutano do osso se torna fraco conseqüentemente, a mulher não produz mais os glóbulos vermelhos certos e o homem, os glóbulos brancos certos [...]. É preciso saber que o álcool penetra paulatinamente até o tutano do osso arruinando, pouco a pouco, o sangue. Pelo fato de arruinar os descendentes, toda a família descendente está arruinada! Supondo que uma pessoa tenha três filhos, conseqüentemente, estas crianças são um pouco arruinadas; mas

aqueles que nascerem destas três crianças, esses serão fortemente arruinados. Desta forma arruina-se, por longo tempo, os seres humanos pelo álcool. E muito daquilo que existe de fraqueza na humanidade hoje é motivado simplesmente pelo fato dos ancestrais beberem demasiadamente. Neste caso é realmente assim que precisamos representar: um homem e uma mulher. O homem bebe; os descendentes por este motivo são fracos de corpo. Agora imaginem o que isto significa após um século ou mesmo depois de alguns séculos. [...]"

Portanto, é preciso que tais pensamentos vão um pouco além do mais próximo, pensando sobre isso do ponto de vista social. Então eu preciso dizer que a minha opinião é a seguinte: Proibir o álcool, até podemos, mas vejam os senhores, surgem, então, estranhos indícios. Os senhores sabem, por exemplo, que hoje as pessoas em muitas regiões da Terra chegaram ao ponto de reduzir ou de proibir o uso do álcool completamente; mas eu lhes chamo a atenção para o grande mal que surgiu nos últimos tempos: o uso da cocaína, que também é utilizada pelas pessoas para se entorpecer. E contra aquilo que o usufruir da cocaína vai trazer, nominalmente, na destruição das forças de reprodução humana, o álcool ainda é ouro! Um ou outro que devora coca nem se quer se considera responsável. Mas já nos sintomas externos os senhores poderão ver, quão pior é o fruir da cocaína se comparado ao do álcool.

Extraído de Rudolf Steiner - *Sobre a saúde e a doenças. Bases para uma doutrina da ciência espiritual sobre a teoria dos sentidos* - 08.01.1923 GA348